

AUTOR: Fernando Zéca Corinthiano

FICÇÃO CIENTÍFICA



POPULAR BRASILEIRA

TAXI ASSASSINO DO INFERNO
«KILLER TAXI FROM HELL»



FCPB #1

FTD
PRODUÇÕES

FERNANDO ZÉCA CORINTHIANO

AUTOR: Fernando Zéca Corinthiano

TAXI ASSASSINO DO INFERNO **(Killer TAXI from HELL)**

FERNANDO ZÉCA CORINTHIANO

edição digital PDF 2015

KILLER TAXI FROM HELL

(Táxi assassino do inferno)

Aeroporto de Guarulhos - São Paulo - Brasil

Vôo 939 com destino a New York

Finalmente os infelizes viajantes puderam embarcar no avião após quatro horas e meia de espera na sala de embarque, devido a um dos já tradicionais e inexplicáveis atrasos, que os passageiros, sempre, são obrigados a se submeter.

Na classe econômica, mais especificamente, nas poltronas centrais da fileira 29, os problemas ficavam ainda piores.

Alí, onde são espremidas quatro poltronas, igual número de passageiros procurava se acomodar no apertado espaço da melhor forma possível.

Entre estes viajantes, dois, tinham mais de dois metros de altura e porte físico de lutadores.

-Caramba! – Disse um . – Mas da última vez que viajei de avião, neste mesmo espaço eram três poltronas!

-Sinal dos tempos. – Concordou o outro gigante que vestia um terno preto com gola de padre. – Todos querem faturar mais e trabalhar menos.

O terceiro passageiro que viajava apertado naquela fileira também era homem, mas, não era dono de um porte tão atlético quanto os outros dois.

Os tripulantes da aeronave ficavam completamente alheios a este problema, explicitando até, um certo desinteresse em ajudar a melhorar a situação.

-Sentem-se! Sentem-se!

-Mas tá apertado! – Reclamava um dos grandões, o que tinha cabeça engraçada, orelhas gigantes, sete fios de cabelo na careca, e usava um esquisito óculos escuro metálico de esquiador colado à face.

-Apertem os cintos! Coloquem seus assentos na posição vertical! - Gritavam os comissários e demais tripulantes para os infelizes

passageiros.

-Já passei muito aperto na vida. – Disse o outro que se vestia como religioso. – Mas essa poltrona aqui, para sentar, supera tudo.

-É que o senhor ainda não viu o banheiro. – Disse uma moça magrinha vestida com avental e roupas brancas que chegava naquele instante, para se sentar no quarto lugar daquela fileira.

-Queira se acomodar, senhora! – Ordenava a comissária. – E aperte os cintos.

-Me acomodar nesse aperto? Eu sou médica e não mágica.

-Por favor, Dra. Queira se acomodar. – Insistiu a comissária com a sua voz irritante.

Era aquela médica quem teria de se acomodar na poltrona entre os dois gigantes.

Um deles, o de cara engraçada, mais adiantado, se apresentou:

-Meu nome é Pirulino.

-Meu nome é Maria Clara.

-Eu sou o Padre Martelo. – Disse o outro.

-Martelo?!? – Indagou A jovem doutora. – Me lembra aquele padre famoso, que está sempre fazendo missas, e cantando pela TV.

“Ele também é alto, mas o sr é bem mais forte, faz o coitado parecer até um palito...”

“Agora, fala a verdade; o sujeito canta mal pra burro. Me dói o ouvido!”

O padre Martelo deu risada e disse:

-Os nomes são semelhantes, mas não são iguais. Mesmo nossos trabalhos são diferentes. Meu serviço é mais sujo e pesado e não aparece tanto na mídia.

“Já o meu colega tem tarefas mais tranquilas que fazem dele uma celebridade.”

Ninguém entendeu muito bem o que o padre quis dizer com serviço sujo e pesado...

Antes de sentar ela ainda cumprimentou o quarto passageiro da fileira:

-Sou o Conde Von Lion.

Normalmente o que se esperaria de um Conde, seria uma pessoa distinta, elegante e da nobreza. Estes atributos porém não pareciam caber naquele passageiro.

Ele se vestia com um macacão branco parecido com os usados por pilotos de corrida.

Tinha cabelos longos e usava óculos escuros de lentes redondas.

-Viajando à negócios? - Ele indagou.

-Em parte. – Respondeu Maria Clara. – Vou fazer um estágio por alguns dias, mas também quero deixar o nervoso para trás e relaxar um pouco nesta linda cidade.

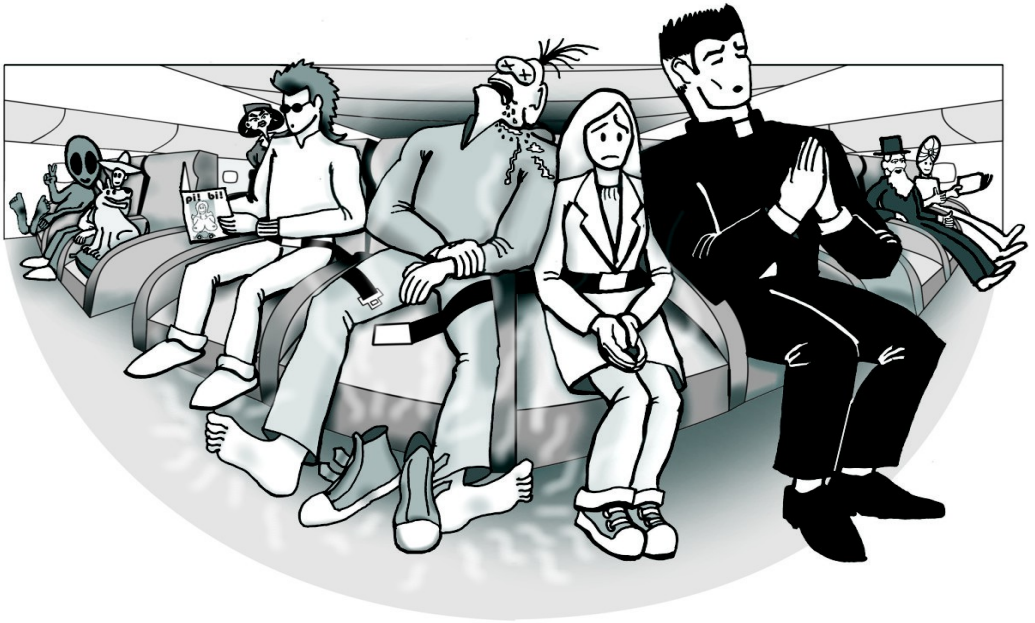
-Em New York será difícil. – Entreviur Pirulino na conversa. – Lá tudo é muito barulhento. A música sempre é tocada num volume mais alto e, até de noite, as sirenes e buzinas continuam atormentando o sono do povo.

-Espero então que meu hotel tenha paredes à prova de som. – Ela disse. – Estou pagando uma nota preta na diária.

-As coisas são caras em New York, especialmente os hotéis. – Disse o Padre Martelo – Gastar muito dinheiro não quer dizer que se vai obter uma qualidade superior em conforto.

-Caramba! – Disse Maria Clara com ares de preocupação. – Pela cara de vocês eu relaxaria bem mais se tivesse ficado em casa...

Ninguém falou nada...



Depois de cinco horas de voo, Maria Clara estava com as costas completamente doloridas, já que, o encosto da sua poltrona não reclinava e, Pirulino, além de roncar uma barbaridade, quase a transformava em travesseiro enquanto dormia.

Já o padre Martelo era o contrário, mesmo sendo um gigante apertado naquele espacinho, procurava incomodar o mínimo possível.

Para passar o tempo, ele punha a testa nas costas das mãos que iam apoiadas no encosto do assento da frente. Fechava os olhos e fazia diversas orações mentais.

De vez em quando, soltava um grunhido baixo.

-Que voo... Que voo...

Numa dessas ocasiões, Maria Clara manifestou-se:

-Concordo com o senhor, padre.. Estou ficando quebrada nesta poltrona, totalmente dolorida...

-O seu caso talvez eu possa ajudar. – Ele disse – Vejamos!

Em seguida, colocou suas grandes mãos por trás, nas costas de Maria Clara e, pressionando os indicadores ali, fez soar um estralo.

Ela então mexeu o pescoço, a cabeça e as costas como se estivesse mais leve...

-Puxa vida, padre! Mas isso é incrível. Não estou mais sentindo nenhum incômodo.

-Que beleza! – Disse ele. – Fico feliz em saber disso.

-Como o senhor conseguiu? Foi tão rápido...

-Um pequeno truque que aprendi a mais de quarenta anos com um amigo monge.

Maria Clara pareceu não entender alguma coisa ali...

-Mas o senhor não aparenta mais que trinta anos... Como pode ter aprendido algo a mais de quatro décadas?

-Na verdade, minha idade é de 82 anos.

Aí que ela ficou desconcertada mesmo.

Nem de longe aquele sujeito tinha a idade que dizia ter. Começou até a desconfiar que ele realmente fosse padre conforme afirmava...

Percebendo a dúvida que estava manifestamente clara não só na face dela bem como, na de outras pessoas que ouviram a conversa, ele sacou uma carteira de identidade do bolso e a exibiu.

-Se você achar que esse documento é falso, veja então este...

Exibiu um passaporte último tipo, daqueles que, segundo a Polícia Federal, eram totalmente à prova de falsificações.

A documentação chegou até as mãos de Pirulino que olhou tudo bem de perto.

-São autênticos.

O Conde Von Lion nem quis verificar. Apenas disse:

-Precisa me ensinar o seu segredo, padre. Meus primeiros cabelos brancos e rugas já estão se manifestando.

-Cuide da saúde, irmão. – Disse o padre. – Alimente-se bem, reze bastante e aprecie a sabedoria que vêm com a idade.

-Minhas dores desapareceram completamente, padre. – Disse Maria Clara. – Mas o senhor, não parece nada bem...

-Essa viagem não é muito confortável, irmã.

-Mas padre, o senhor não consegue aplicar esses toques que usou para aliviar a dor dela em si mesmo? - Indagou Pirulino.

-Em mim mesmo não. Engraçado, né?

-Bom! Pelo menos, seu sofrimento não vai se alongar muito mais. Dentro de pouco menos de uma hora já estaremos pousando em solo

norte-americano..

-Isso é ótimo.

E realmente, aquela previsão se concretizou.

O vôo chegou sem maiores problemas ao destino.

Depois das checagens de rotina, os passageiros separaram-se.

Pirulino e o Conde Von Lion foram para uma agência de aluguel de carros ali do aeroporto mesmo.

Cumpridas as formalidades, eles logo saíram com as chaves dos seus veículos.

-A amarela conversível é minha. – Já foi logo escolhendo Pirulino.

-Sobra para mim então a vermelha com capota.

Eles se referiam a duas DODGE VIPER zeradas estacionadas que os aguardavam, para suas noitadas em New York.

-Com essas carangas, nós vamos descolar um monte de gatas. – Disse Pirulino.

-E nos divertir à toda velocidade. – Complementou o Conde. – Por falar nisso, o último a chegar no hotel paga as diárias....

-Tá apostado...

Cada um pegou seu carro, colocou o cinto, ligou o motor e já saiu cantando pneu à toda velocidade.

Logo, ambos estavam juntos nas pistas que ligavam o aeroporto à área metropolitana de New York.

À toda, deixavam todos os outros usuários da pista para trás.

Mesmo nas curvas, não poupavam.

Em alguns casos, praticamente andavam de lado ao contorná-las.

Numa delas porém, havia na trajetória do carro pilotado pelo Conde Von Lion, uma grande poça de óleo da qual não dava para desviar.

Conforme se esperaria em tal situação, ele passou por cima dela perdendo momentaneamente a tração e o controle.

O carro deslizou para fora da pista terminando seu percurso num lamaçal.

Ali, vendo Pirulino ganhar distância gargalhando do seu deslize, o Conde ainda acelerou para sair, porém, os pneus patinaram e ele nem se mexeu.

Foi então que ele percebeu que qualquer coisa que fizesse para tentar sair dali seria pura perda de tempo.

Duas viaturas da polícia cercaram o seu carro deixando-o sem saída.

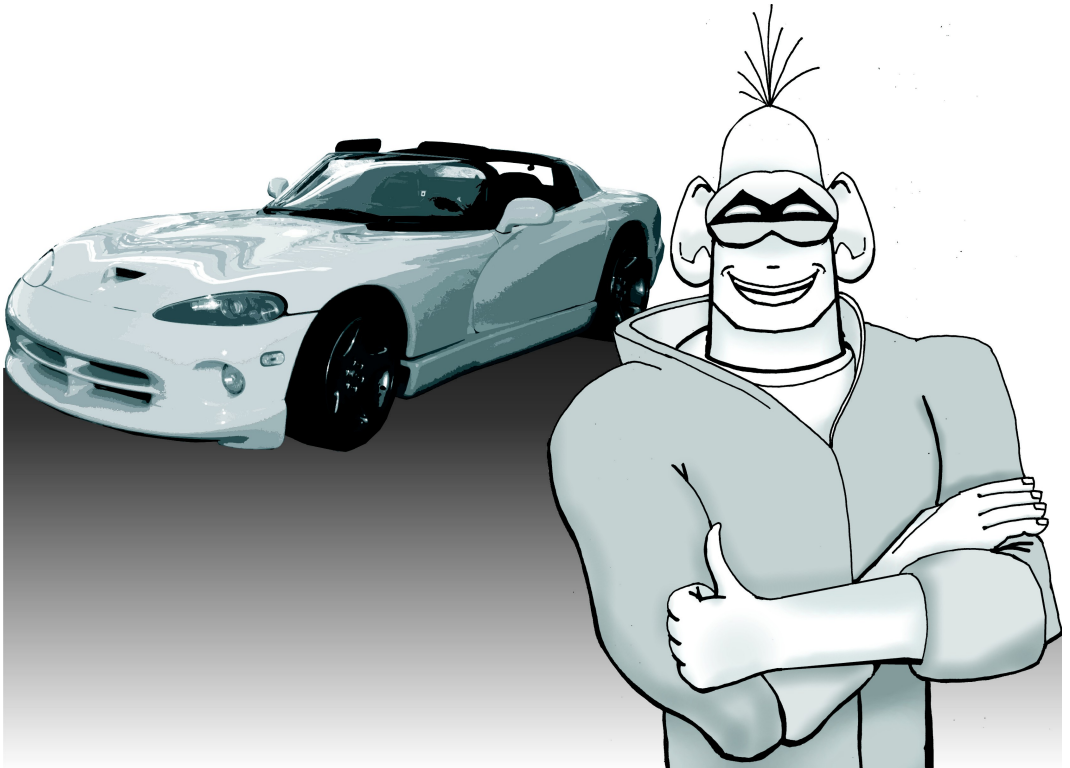
Policiais saíram delas de armas em punho berrando:

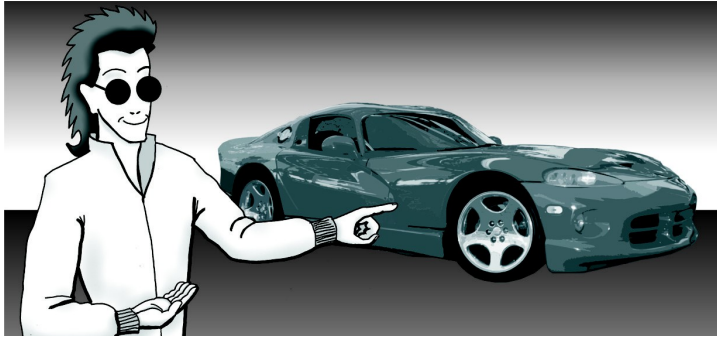
- "Freeze! You are under arrest!"

(Parado! Você está preso!)

Pirulino, no seu carro, ao ver aquela cena, não pode conter uma sonora gargalhada...

Certamente ganharia as diárias dos próximos dias em New York na faixa, e sem grande esforço...





Algumas horas depois, o Conde Von Lion já estava diante do Juiz tentando se explicar (daqui por diante traduzirei diretamente eventuais textos em inglês para o sempre querido e estimado leitor):

-Eu pisei demais no acelerador, Excelência...

-Isso fez mesmo.

-Mas não foi proposital. O carro tem um torque e aceleração muito rápidos. Fiquei grudado no acento e não consegui tirar mais o pé da tábua....

-Os policiais disseram que o sr. estava apostando corrida com outro veículo.

-Enganam-se os valorosos agentes da Lei, Excelência. Eu apenas tentava controlar o carro.

-O senhor afirma que os policiais estão mentindo?

-Jamais disse isso Excelência. Até entendendo o ponto de vista deles. No seu lugar, eu mesmo certamente seria levado a raciocinar da mesma forma.

-Sua conversa mole me tocou, moço. – Disse o juiz. – Mas você não vai se livrar do excesso de velocidade, até porquê, perdeu o controle e saiu para fora da pista..

-Passei por cima de uma poça de óleo, Excelência. Não tive culpa...

-O senhor mantenha-se calado para não piorar a situação em que se encontra. Responda apenas o que eu lhe perguntar. Nada mais. Neste caso, quem fala comigo e faz a sua defesa é o advogado. É ele quem dá as desculpas esfarrapadas como esta que pretende usar para se justificar.

“Não pense que essa lorota me engana.”

“Mesmo assim, serei benevolente. Em vez de te prender e cobrar uma multa para esfolar seus bolsos, resolvi aplicar uma pena alternativa

que aproveite seus talentos.”

“Pesquisei sua ficha pela internet e vi que o sr. tem mais de 10 anos de experiência como para-médico. Então, vou colocar seu talento a disposição da população e do município de New York, assim, se não quiser passar o restante de sua temporada de férias nos Estados Unidos da América atrás das grades, irá prestar serviços comunitários conduzindo uma de nossas ambulâncias seis horas por dia durante duas semanas. Caso encerrado”

Imediatamente, Saul Goodman, o advogado do Conde cochichou à orelha dele:

-Considere-se com sorte: o mínimo que esse Juiz dá normalmente em casos como o seu é 30 dias no xadrez mais multa de 100 mil dólares. Eventualmente, até extradição.

-Caramba! Então escapei de boa.

-Até agora! Vamos sair das vistas do homem. - Disse o Dr. Saul.

Fora da sala de audiência, o Conde indagou ao seu defensor:

-O que acha que amoleceu o coração do Juiz em relação à minha pessoa?

-Te garanto que não foi o teu charme. – Respondeu Pirulino que se aproximou por trás dos dois com cara de quem não parava de rir a um tempão.

E o ilustre Doutor Saul logo concordou:

-Seu amigo tem razão, Conde. – Para ter te aplicado pena tão branda, ele provavelmente ganhou uma chupetinha matinal de alguma secretária gostosa.

Todos então riram a valer.

Depois de longas gargalhadas o advogado então continuou:

-Ainda bem que se divertiu, Conde, porquê agora vai ter que trabalhar.

“O cumprimento da pena é de começo imediato. Você tem quarenta e cinco minutos para se apresentar num hospital a poucas quadras daqui para o seu primeiro plantão.”

O sorriso do Conde Von Lion logo se desvaneceu, enquanto que, Pirulino mais uma vez caiu na gargalhada.

-Vou me lembrar de você enquanto estiver com as gatas, amigão.

-Nem me diga...

Padre Martelo e Maria Clara, assim que pegaram suas malas, acabaram por separar-se.

Após a despedida, o primeiro seguiu caminho que lhe permitiria acessar as linhas de trem e metrô de onde chegaria até as proximidades do seu destino.

Uma conhecida Instituição de Caridade Cristã, administrada pela Igreja Católica, que iria hospedá-lo durante o período que ficasse em New York.

Por outro lado, Maria Clara escolheu pegar um táxi para chegar aonde tinha que ir.

Antes mesmo de embarcar no veículo, o sujeito que organizava a fila dos passageiros que iam saindo do aeroporto, perguntou-lhe qual era o seu destino.

Ela lhe informou seu destino, e, com base nesse dado, na quantidade de bagagens que carregava, na disposição que elas teriam a bordo do veículo que a conduziria, foi calculado o valor da corrida pela qual teria que pagar, daí, foi lhe entregue um ticket onde esse montante já, até, vinha impresso.

Assim, esse sujeito chamou o primeiro dos táxis, que estavam na fila, aguardando passageiros.

Seu motorista era um tipo realmente feio.

Um gigante com mais de dois metros de altura que, além de corpulento, era mal encarado.

Ele pegou a bagagem de Maria Clara de qualquer jeito e enfiou-a no bagageiro do seu veículo com visível má vontade.

A porta para a passageira, nem mesmo abriu!

Maria Clara não se irritou, ou, fez que deixou passar despercebido esse detalhe, afinal, era brasileira e sem frescuras.

Abriu ela mesmo a porta, entregou ao motorista o ticket já com todas as informações, pagou antecipadamente a viagem segundo o valor ali inscrito e sentou-se.

O motorista tomou seu lugar atrás do volante e pôs aquele veículo em movimento.

Imediatamente, Maria Clara sacou da bolsa um telefone celular e pôs-se a falar.

Conversava com alguém, fato que, deixou o motorista desconcentrado e ligeiramente irritado.

Fora o trânsito que não o deixava feliz, aquela situação, o lembrava de uma mulher do seu passado, que ficava tagarelando sem parar com amigas ao telefone, e mesmo fora dele.

Pareciam um bando de galinhas cacarejando de tanto que falavam.

Não paravam.

Isso, o irritava.

Sem olvidar ainda, o timbre de voz que elas usavam no seu tagarelar, capazes de enervar a maioria dos ouvidos humanos normais.

Ficou tão irritado, com essas lembranças, que a passageira involuntariamente lhe trouxe, que, assim que finalmente a entregou no destino, inventou uma taxa a mais para ela pagar:

-44 U\$

-Quê?!?! Mas eu já paguei tudo!!!

Foi então que o motorista começou a falar tudo enrolado.

Como se estivesse falando outro idioma. A única coisa inteligível que ele dizia era:

-Taxas... Taxas... Taxas...

Indignada e até com medo de alguma reação mais forte do motorista, frente a uma eventual recusa sua em pagar o que lhe era pedido, ela sacou da carteira uma nota de cinquenta dólares, ao que, ele imediatamente tirou da mão dela e foi entrando no táxi.

Ligou o veículo e foi saindo como se nem troco tivesse que dar...

Maria Clara gritava:

-Ei! Me dá meu troco...

O motorista se fez de desentendido e seguiu sem nem olhar para trás.

Irritada com aquele tratamento, Maria Clara não pôde conter vários palavrões e até lhe rogou uma praga:

-Desgraçado maldito! Espero que alguma coisa ruim te aconteça prá sair caro estes 50 dólares que me levou.

Assim que deixou para trás a insatisfeita passageira, o motorista sacou do interior do porta-luvas um envelope pequeno de plástico

transparente e, de conteúdo similar a um pó branco.

Parou o carro num farol vermelho, aproveitou da escuridão, enfiou um canudo no envelope, e outra extremidade deste, introduziu na sua narina.

Deu uma forte cafungada.

FUUUUNKKKKK.

-Yeessssssss! Agora eu tôu legal!

Em seguida, introduziu o canudo na outra narina e deu mais uma cafungada.

-NOSSA! Isso aqui tá me ligando.

Em seguida, ajustou o monitor de plasma do painel do seu veículo, para enxergá-lo melhor... Era através dele que recebia informações de todo tipo, e, por onde acessava a internet.

Estava tão chapado com o efeito da droga, que puxou o monitor com força demais, quebrando-o.

-Porcaria!

O dano era irrecuperável.

Alterado, o pouco bom senso, que o “xeirado” motorista tinha, logo evaporou-se completamente.

Justamente, por ter o acesso à internet impossibilitado naquele momento, e, claro: por também estar drogado, decidiu porquê decidiu, que tinha de acessar a rede de qualquer jeito!

Aquela obsessão inexplicável simplesmente fez com que saísse do carro deixando-o exatamente onde estava: ou seja, parado bem na frente de um cruzamento cujo farol para ele ainda estava vermelho.

Sem se importar com os outros veículos parados atrás e aguardando sua saída, olhou para o comércio que havia ali pelas imediações, e, encontrou um local, onde podia alugar acessos para a internet.

Não perdeu tempo: seguiu naquela direção largando o seu carro de qualquer jeito.

Já no interior do estabelecimento escolhido, depois de devidamente acomodado diante de um computador, tirou do bolso algumas notas de valor menor que carregava, e, as introduziu na fenda coletora de dinheiro.

Finalmente, o acesso à internet que tanto queria lhe foi liberado.

Entrou em sites pornográficos e ficou admirando o conteúdo destes

durante um bom tempo.

Tomou quase dez latas de cerveja, e, nesse ínterim, consumiu todos os créditos que tinha para acessar a internet.

Foi então ao banheiro, e, lá ficou um tempão mijando e cagando, até esvaziar o tanque, de toda a porcariada que ingerira.

Quando saiu, ainda segurava a décima latinha onde bebia.

Só então, resolveu que era hora de pegar o seu veículo, para ver se conseguia faturar mais alguns trocados, e, comprar mais droga.

Foi até a rua onde tinha estacionado o táxi e teve uma “inesperada” surpresa.

Um caminhão guincho da polícia acabava de rebocar o seu carro.

O mecânico e o policial que efetuavam o reboque estavam guardando as ferramentas e já havia terminado de preparar o táxi para retira-lo do local proibido.

-Ei! Vocês guincharam meu carro!!!

-O sr. deixou o táxi parado no meio da rua e só agora que me aparece??? – Indagou o policial visivelmente irritado.

-Mas isso não pode ser assim.

-Pode e será! – Disse o policial. - Seu carro ficou um tempão estacionado irregularmente.

“Agora será apreendido e levado para o pátio municipal onde permanecerá no máximo trinta dias aguardando até que o sr. regularize a situação dele.”

“Se não o fizer, será leiloadado ou irá para o ferro velho.”

Indignado com a situação, o motorista ainda gritou revoltado e chegou mesmo a colocar sua mão direita no ombro do policial

-O senhor não me toque! - Avisou o agente da Lei. – Se não quiser ser preso.

O motorista imediatamente recolheu a mão e não esboçou mais nenhuma reação.

O severo guardião da Lei subiu na cabine do caminhão que fazia o reboque e fechou atrás de si a porta sem dar um olhar sequer para o motorista que muito mal conseguia conter suas emoções.

Assim que o guincho se foi, o infeliz liberou toda a sua ira.

-Maldito tira! Esse desgraçado tem que morrer.

O motorista não conseguia se conter.

Esbravejava, gritava palavrões, gesticulava tresloucadamente chegando até a perturbar os ouvidos mais sensíveis que naquele momento tentavam encontrar descanso no aconchego de seus travesseiros...

Cafungou mais, do pó branco contido no plástico, ficando bem mais alterado que antes.

-Ei amigo! Você parece mesmo irritado.

O motorista olhou na direção de onde vinha aquela voz suave, vendo de imediato, um homem negro, alto, com cabelos e cavanhaque branco, vestindo terno, chapéu escuro, e usando bengala.

O motorista “xeradão” sacou sabe-se lá de que bolso, uma faca e avançou contra o sujeito bem vestido, que lhe sorria zombeteiramente.

Tentou agredi-lo, mas, a faca rasgou o ar como se passasse por uma imagem tridimensional projetada.

Novamente repetiu o ataque contra o negão risonho mais uma vez obtendo idêntico resultado.

-Está perdendo seu tempo se acha que realmente vai conseguir fazer alguma coisa contra mim.

“Não sabes com quem está lidando...”

-Esse tipo de conversa nunca me assustou. – Contra argumentou o motorista alucinado.

Nem bem terminou de falar isso, e novamente tentou obter melhor sorte ao agredir o estranho sorridente.

Igual às outras vezes, a tentativa de agressão foi mal sucedida.

Desta feita porém, inexplicavelmente, a faca usada pelo motorista foi parar na mão do negão alegre.

-Desista. Tudo o que vai conseguir é: se cansar, se machucar e me irritar.

O homem ainda tentou desferir alguns socos no velho, mas, efetivamente só acertou o ar.

-Ouça! Tudo o que eu quero é ajudar.

-Eu quero vingança! - Bradava o motorista bastante alterado pelas tantas cafungadas que dera no tal pozinho mágico...- Quero matar aquele policial desgraçado que apreendeu o meu carro.



-Precisamente, meu caro. É nisso que pretendo ajuda-lo.

-Quê?!?

-Conseguir sua vingança!

-M-m-mas c-c-como?

O velho deu uma sonora gargalhada...

-Tenho brinquedinhos que podem satisfazer seus desejos. - Disse após parar de rir. - Mas, para desfrutar deles, você tem que pagar o preço.

-Que preço? - Indagou o motorista enquanto dava mais cafungadas na sua droga.

-Além daquele que você deseja tirar a vida, você deverá fazer o mesmo com o máximo possível de pessoas, valendo-se do meio que vou lhe disponibilizar.

"Todas estas mortes vão alimentar o inferno com novas almas."

"E, a sua, depois que cumprir a missão que estou te dando, seguirá

o mesmo destino.”

“Claro que não precisará aceitar minha proposta, já que, comigo, ninguém é obrigado a nada.”

“Mas, se o fizer, o único meio de retardar a ida de sua alma para os meus domínios, será matando o máximo possível de inocentes.”

O motorista percebeu bem lá no interior do seu cérebro o que estava em jogo.

Deu novas cafungadas no entorpecente, tomou coragem, e disse:

-Quero minha vingança custe o que custar...

-Eu adoro essa droga. - Disse o negão sorridente apontando para o saquinho plástico. - Sempre garante novos cativos para os meus domínios.

Em seguida, fez uma pausa e perguntou:

-Sabe agora quem eu sou? Tem certeza do que quer?

-Quero minha vingança. De qualquer maneira e custo!

-Mas o que move tão repentino e decidido desejo?

-O miserável apreendeu o meu taxi. Tem que morrer.

-Pergunto mais uma vez...

E o velho, parecia se divertir repetindo perguntas, cujas respostas já conhecia:

-Tem mesmo certeza do que quer? Está realmente ciente das conseqüências?

-EU QUERO MINHA VINGANÇA! - Bradou o motorista enquanto cheirava sua droga.

O velho então parou de sorrir e disse:

-Para consumir sua vingança pelos instrumentos que disponho, você terá de ser meu escravo e arauto de morte.

“Nessa condição, a humanidade deverá tremer diante de sua fúria.”

-Isso mesmo! Quero vingança!

-Só que, comigo, o pagamento sempre é adiantado.

Dizendo isso, o velho estalou os dedos, e, logo em seguida o corpo do motorista começou a brilhar.

Dele então, saiu uma forma translúcida humanóide que tinha exatamente os mesmos traços e feições daquele homem tão sedento por vingança.

Disse então, o velho preto:

-A alma que antes te pertencia já não está mais sob teu controle.

“Você foi incorporado ao meu exército. Eu te comando de agora em diante.”

Da forma translúcida então, saiu uma voz respondendo:

-Sim, mestre...

Ela ainda se distanciou mais do corpo e, depois disso, o velho disse:

-Seu antigo corpo agora não tem mais serventia!

Dito isso, o corpo do motorista se incendiou espontaneamente.

Poucos segundos depois, já não era nada além de cinzas.

-Agora funda-se à matéria infernal e tenha uma nova forma. - Berrou o velho a plenos pulmões.

Uma esfera cinza, com diâmetro de trinta centímetros, apareceu ali e, em seguida fundiu-se àquela forma humana que o velho tão bem parecia controlar.

Dessa mistura, resultou uma criatura humanóide de pele cinza, cabelos negros, longos, com o rosto, e, diversas partes do corpo, enroladas por ataduras.

Decididamente, era um ser monstruoso, não só pela feiura assustadora, mas também, pelo tamanho e força capazes de amedrontar o mais destemido e vigoroso lutador.

-Agora, você estará apto a manejar o brinquedo que vou te dar. - Disse o velho.

Ele então jogou alguma coisa na direção do servo monstruoso, que, foi imediatamente pega em pleno ar.

A criatura medonha, e sedenta por vingança, pôde então ver, do que se tratava, o que lhe foi atirado: era o chaveiro de um veículo.

-Seu taxi foi apreendido pela autoridade policial, mas, ao contrário do que usualmente ocorre, você o terá substituído por outro às minhas custas.

Dizendo isso, o preto velho ergueu a mão esquerda, na altura da própria cabeça, e estalou os dedos.

Do nada, inexplicavelmente, surgiu um taxi amarelo mais ou menos parecido com os da tradicional marca Checkers, aqueles que, durante muitos anos, foram utilizado na cidade de New York.

Curiosamente, a porta do motorista se abriu para cima, do mesmo modo que o fazem os modelos “asas de gaivota”, em seguida, o ser monstruoso recém-formado, foi jogado no interior do veículo por alguma

irresistível força invisível.

Alí dentro, seu corpo medonho se fundiu ao banco,e, os membros, aos controles do veículo.

Um barulho estrondoso, assim como o de uma explosão, ecoou pelo ambiente.

Era o motor do estranho veículo sendo ligado.

Nem mesmo as turbinas de um avião à jato, acelerando à plena potencia, pareciam ser capazes de produzir o mesmo nível de som que aquela coisa.

-Sua missão agora. - Dizia o preto velho. - É usar este meu brinquedo, para levar a morte, ao maior número possível de inocentes. Todos aqueles cujas almas forem ceifadas por esta máquina, padecerão no inferno, por toda a eternidade.

Deu então outra sonora gargalhada e, mal contendo sua alegria, continuou falando:

-Mantenha o taxímetro trabalhando!

“Quero super lotar o inferno de almas novas, assim, meus demônios terão trabalho até o fim dos tempos.”

Fez uma pausa e continuou num tom menos irônico:

-Sua alma já me pertence.

“Trabalhe bastante para que ela não vá prematuramente arder nas chamas dos meus domínios.”

“Gosto de gente esforçada, por isso, só faço negócios com quem eu vejo potencial.”

“Agora, vá buscar sua vingança e me traga muitas mortes.”

A porta incomum daquele taxi de aparência discreta, e detalhes sinistros, se fechou, saindo dali, a seguir, em alta velocidade rumo à noite escura e cintilante.

O mecânico que dirigia o caminhão-guincho onde o taxi recém-apreendido ia a reboque, foi o primeiro a perceber que alguma coisa de estranha ocorria.

Primeiro, foi aquele som que, mesmo com sua origem aparentemente distante, estava muito alto.

Certamente, com um ruído muito acima dos limites permitidos

pelas Leis ambientais.

Este som veio aumentando, indicando assim, a aproximação da sua fonte.

Logo depois, essa origem pôde finalmente ser determinada:

Vinha de um antigo taxi amarelo, semelhante à antiga marca Checkers. Aparentemente, um clássico, mas, bastante reestilizado.

-Acho que tem outro taxista pedindo para ser apreendido.

O policial que o acompanhava, naquele momento passava na face um barbeador elétrico.

-Como?

-Olha só...

O mecânico apontou para o retrovisor, mas, nem terminou de dizer isso, e o referido taxi ultrapassou o caminhão só reduzindo a velocidade uns dez metros de distância adiante do caminhão.

-Que será que esse maluco quer?

Nem bem essa indagação foi feita, o taxi começou a rodar na pista dando diversos “cavalos-de-pau” consecutivos, além de realizar outras manobras malucas.

A fim de evitar um grave acidente, o mecânico imediatamente reduziu a velocidade do seu veículo conseguindo conduzi-lo até o acostamento sem maiores problemas.

O taxi fez o mesmo, mantendo ainda a distância de dez metros do caminhão a que se encontrava.

-O que quer esse idiota? - Foi a primeira coisa que perguntou o policial ao quase se cortar com o barbeador elétrico.- Vou verificar.

Desatarraxou-se do cinto de segurança que o prendia à poltrona, abriu a porta e desceu.

A passos largos e, até com certa pressa, iluminou a parte traseira do taxi utilizando sua lanterna.

Seus olhos treinados se viram surpreendidos com a numeração da placa do veículo: 666.

O nervosismo que o policial sentia em virtude da aparente barbeiragem feita pelo motorista do taxi se transformou em pavor quando viu a luz de ré do veículo se acender, ouviu o barulho do motor ensurdecedor acelerando e percebeu que o carro suspeito avançou rapidamente em sua direção.

Tentou saltar para fora da trajetória do veículo ameaçador que

certamente iria lhe ceifar a vida, mas, não teve tempo suficiente...

Foi atropelado, imprensado e esmagado na frente do caminhão-guincho.

Depois de executar aquela covarde vingança, o veículo assassino separou-se dos escombros da colisão, afastando-se da cena do crime como se nada tivesse acontecido.

Indignado com aquilo que presenciara, o mecânico-motorista do caminhão se armou com um fuzil e começou a atirar contra o taxi.

Mesmo tendo acertado vários tiros, eles de nada adiantaram.

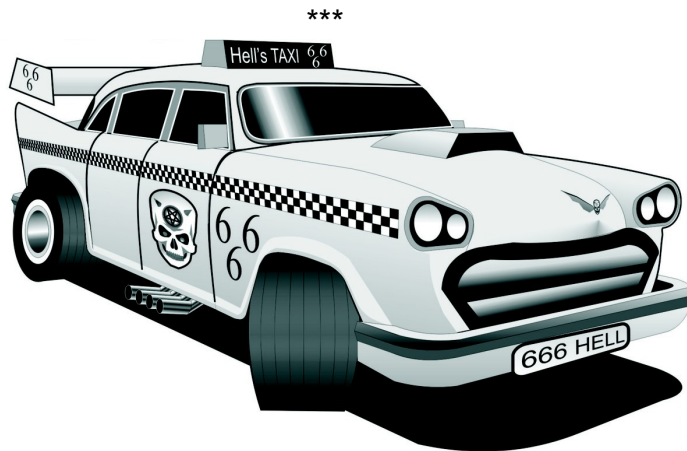
Em seguida, o veículo assassino parou e se voltou na direção do infeliz que atirava desesperadamente contra ele.

Fez mira no mecânico, e acelerou a toda velocidade acertando-o em cheio.

O pobre homem teve morte instantânea.

Em seguida, o táxi macabro voltou ao caminho que anteriormente havia escolhido, seguindo lenta e inexoravelmente, pronto para mandar mais almas para o inferno.

Sua missão estava apenas começando.



É mais do que sabido por todos, que a disputa entre os executivos de New York é feroz e se dá nas formas mais diversas.

A situação em tela, ocorre numa das raras ruas dessa grande cidade onde, no momento, não está passando nenhum táxi.

Não está passando, mas, numa mesma calçada, dois executivos de terninho e gravata aguardam a chegada da uma condução salvadora.

Longe deles sequer pensar em dividir a mesma carona.

Cada um queria seguir solitariamente num veículo, poluindo individualmente, mais ainda o meio ambiente, do que, em sociedade.

Assim sendo, quando, finalmente apareceu um táxi naquela rua, eles quase saíram na mão para decidir quem iria ficar com o carro.

Quase saíram, porque um deles foi esperto, e, literalmente, deu uma rasteira no outro, jogando-o no chão.

Assim, esse um, logo entrou no táxi todo sorridente, e fechou a porta atrás de si, deixando o dedo médio em riste para o perdedor.

Lá dentro, viu o veículo sair, e seguir caminho.

Tão emocionado ficou com aquela vitória que até esqueceu de dizer para onde ia.

Mas isso não importava mais.

Qualquer que fosse o destino anterior do executivo ele já não seria mais seguido.

Dentro do carro, de-repente, a poltrona do passageiro se transformou numa enorme boca que começou a dar mordidas no infeliz que sobre ela estava sentado.

Dentes pontiagudos dilaceraram o corpo do esperto executivo sem lhe dar a menor possibilidade de reação.

O coitado foi dolorosamente devorado vivo.

Depois de mastigar o passageiro, no lugar da boca surgiu um imenso e quase infinito abismo, que trouxe para o seu interior, os pedaços do infeliz.

No instante seguinte, o abismo desapareceu, e, o assento onde até então estivera sentado o agressivo ex-executivo, voltou a ter uma aparência normal, como a de qualquer outro carro.

O veículo então, deu a volta no quarteirão, encontrou o cabisbaixo executivo, que fora vítima da covarde rasteira e passou perto deste, quase que “oferecendo” uma corrida para este desavisado.

E ela foi aceita!

Afinal, mesmo em New York, toda calçada tem algum imprudente ganancioso querendo faturar alto em apostas incertas.

Burrice ou esperteza, os dois executivos tiveram destinos idênticos.

Acabaram pagando seus pecados no inferno.

Mais tarde, um senhor de idade avançada se surpreendeu ao ver a marca de carros antigamente mais usada pelos taxistas de New York circulando novamente.

Era um fato curioso, já que, por estar desatualizado nos quesitos de segurança exigidos pelas autoridades municipais, o modelo em questão deixou de prestar serviços de transporte.

Como aquele estava passando ali, e ele, justamente precisava de um táxi...

Sem titubear, puxou a senhora que o acompanhava pelo braço enquanto fazia sinal para o veículo parar:

-Venha mulher! Hoje vamos reviver os velhos tempos.

E continuava acenando insistentemente para o veículo.

Até entrou imprudentemente, na frente do veículo para garantir seu passeio.

Assim, como quem arrisca, petisca, o velho conseguiu fazer o táxi estacionar para o embarque.

A senhora é que parecia resistir um pouco para entrar no veículo que tinha vidros escuros.

-Mas é que...

O senhor foi mais insistente e forte.

-Achar um desse rodando é um acontecimento. É um clássico do século passado!

Sem bem explicar direito, ele a arrastou para o interior do táxi.

-Mas é que... – Ela resistia.

-Não se faça de difícil, mulher!

“Saiba que, andar num desses hoje em dia é um luxo reservado para pouquíssimos...”

-Mas veja o numeração... Retrucava ela...

-Carros desta marca são difíceis de encontrar em tão bom estado! - Insistia o velho quase delirante e tendo um piripaque no meio da rua, de tanto que suas bochechas avermelharam.

Finalmente, ela foi praticamente arrastada para o interior do veículo.

Lá dentro, já sentados na poltrona, ele ainda perguntou:

-Sabia que esses carros são uma verdadeira tradição na cidade de New York?

-Sim eu sabia. - Respondeu ela, indicando não ser assim tão leiga no tema. Daí por diante, foi ela quem deu a aula:

-Você sabia que esse carro não é um modelo original da marca que você pensa que é, e tanto fica alardeando?

“Por acaso não percebeu que esse carro é personalizado?”

-Não, eu...

-Já reparou, por acaso, que o número 666 está inscrito em várias partes dele?

-Não, eu...

-Sabia por acaso que esse número é amaldiçoado e não indica nada de bom?

-Não, eu...

-Imaginou por acaso, que um carro com esse tipo de numeração, espalhada nele, pode representar perigo para nós?

-Você está exagerando, mulher! – Contestou ele irritado.

Foi então, que uma voz sinistra se fez ouvir dentro do cubículo dos passageiros:

-O senhor devia dar ouvidos à mulher. Neste caso, ela tem toda razão.

-Eu não te disse? – Perguntou ela irritada e de cara amarrada. – Eu não te disse?

O velho então fez aquela típica expressão de cachorro que caga no lugar errado e não sabe onde se esconder.

Mas esse arrependimento não durou muito, já que, o assento onde o idoso casal estava sentado começou a mastigar violentamente os pobres velhinhos assim como fizera com os executivos apressados.

Em poucos instantes, nada mais havia, que sequer indicasse, a passagem dos dois ali dentro.

Tudo que os idosos passaram sua longa vida tentando evitar, aconteceu.

Tiveram uma morte dolorosa, temperada com brutal violência e suas almas terminaram sendo enviadas para o eterno tormento no inferno.

Tirtinhão não estava levando nenhum passageiro em seu táxi.

Tampouco, estava com pressa e nem tinha ambulância, viatura de bombeiros, ou, polícia na sua, cola pedindo passagem.

Mesmo assim, ele simplesmente não pôde resistir, ou, se controlar, quando o farol abriu; imediatamente, enfiou o dedo na buzina, para apressar o sujeito que estava à sua frente.

Entretanto, ainda que estivesse fazendo um barulho suficientemente perturbador, estimulante, e convincente, o veículo adiante não se movia um milímetro.

Buzinou ainda com mais raiva, quando percebeu que todas as filas ao seu redor andavam, e a sua, era justamente, a única que não se mexia.

Tudo culpa do sujeito imediatamente à sua frente.

Claro! O maldito não andava em pleno farol verde!

Continuou com a mão na buzina e não tirou mais.

Aproveitou ainda a oportunidade, e xingou todos os ancestrais, descendentes, e parentes colaterais, que o infeliz desgraçado, que conduzia o carro à sua frente, eventualmente pudesse ter.

Enquanto isso, os carros que se encontravam na sua fila, só que, atrás dele, agora saíam pelos seus lados não lhe permitindo sair de onde se encontrava.

Quando finalmente conseguiu se desvencilhar do outro táxi que o segurou parado por tanto tempo, o farol fechou e ele ainda teve que encostar ao lado do desgraçado.

Claro que, Tirtinhão abriu o vidro do lado direito do seu veículo e, mais uma vez, xingou uma montanha de impropérios.

Dois transeuntes que passavam pela calçada, ao verem a cena envolvendo dois táxis amarelos comentaram:

-Veja só. São colegas de ofício e se tratam assim.

-Que camaradagem! Que profissionalismo!

-Você não sabe de nada sobre os táxis de New York...

Tirtinhão, o taxista nervoso, acelerou com tudo o seu veículo assim que o farol abriu.

Para sua surpresa, o outro veículo, que até então estivera parado segurando-o no trânsito, também acelerou com um ronco de motor estupidamente alto, arrancando a toda velocidade.

Enraivecido pelo fato de ter ficado um tempão parado atrás de um sujeito que agora queria correr, ele acelerou mais ainda.

Só que, o outro táxi, fazia o mesmo, sem demonstrar a menor falta de fôlego.

Sua velocidade, também aumentava cada vez mais.

Tirtinhão olhava para aquele que considerava agora não só um adversário, mas até, um inimigo mortal, e, pisava mais ainda, no pedal do acelerador.

Ele era machão, e não se amedrontava diante de qualquer desafio.

Mais alguns segundos transcorreram...

Os dois automóveis, seguiam como bólidos amarelos, a uma velocidade que, além de alta e perigosa, era totalmente incompatível com as avenidas por onde corriam.

Antes porém, que tempo adicional transcorresse, o táxi misterioso deu uma pancada na parte traseira do veículo de Tirtinhão que o desgovernou e jogou para fora da pista.

Infelizmente, essa não foi apenas uma escapada sem conseqüências.

Primeiramente, acertou com violência um outro carro parado, já matando Tirtinhão em decorrência do impacto que, de imediato, cravou-lhe no peito o volante.

Com a batida, os dois veículos ainda se moveram violentamente, descontrolando ainda um ônibus também amarelo, cheio de crianças, que por ali transitava alheio àquele embate mortal.

O motorista do coletivo, quando se deu conta do perigo, para se livrar do táxi descontrolado e do veículo abalroado por este, optou por desviar deles, ao invés, de desacelerar, e frear!

Subiu na calçada, e só então, percebeu o erro colossal, que cometera: no seu caminho, havia um posto de gasolina, com diversas bombas ligadas, abastecendo veículos, ali parados.

Mesmo neste momento, paralisado pelos acontecimentos surpreendentes, o despreparado motorista não pensou em breicar.

O ônibus acertou veículos e bombas de abastecimento com grande violência, e, imediatamente, deu início a uma explosão, que matou, incendiando, não só todas as pessoas que estavam no posto, bem como, muita gente que simplesmente se encontrava pelas imediações.

O número de mortos e feridos foi alto...

O prejuízo, incalculável...

Foi uma tragédia tão forte e surpreendente que ninguém teve

tempo de identificar ou perceber o sinistro táxi 666, que causara toda aquela confusão.

Um casal caminhava tranquilamente pela calçada conversando sobre os projetos futuros, a vida, e ainda a respeito da criança que estavam esperando.

A mulher carregava uma bolsa no braço direito e, no esquerdo, segurava o companheiro que, naquele momento refletia sobre as revisões que pretendia fazer no carro, e ainda, no custo que elas sairiam para o seu bolso.

Foram os dois violentamente surpreendidos por um motociclista que, rápido como um raio, passou perto da mulher arrancando e levando-lhe a bolsa.

O assalto, cuja ação não levou mais do que cinco segundos, e surpreendeu o casal de tal maneira, a ponto de confundi-los na identificação do meliante, foi coberto de êxito.

O pilantra, que já estava até se afastando da cena do crime, quando subitamente, foi abalroado por um táxi já conhecido do leitor, que, só parou de acelerar quando a motocicleta e seu infeliz condutor ficaram literal e dolorosamente sob o carro.

Aparentemente se comprazendo com o sofrimento do bandido, o táxi ainda o arrastou, por uns trezentos metros, antes de abandonar seu corpo. já inteiramente destroçado, junto aos poucos pedaços da motocicleta, que se espalharam pelo asfalto ensangüentado.

A seguir, o veículo assassino saiu dali como se nada houvesse acontecido.

Só testemunhando cena tão atroz, para acreditar que aquele veículo conseguiu praticar um crime tão brutal.

Por incrível que parecesse, não havia restado nele, qualquer indício que indicasse tamanha violência.

Sequer um risco, mancha de sangue, desbotado na tinta, ou, mesmo um singelo arranhão.

Um defensor dos direitos humanos que por ali passava, sacou o seu celular do bolso e pediu urgentemente por uma ambulância.

Não para a mulher assaltada que, graças ao susto ocasionado pelo

assalto, mal conseguia parar de chorar, ou ficar em pé, mas sim, para o criminoso que agora estava para morrer e cumprir com o justo destino que lhe fora traçado pelo táxi assassino.

O sol não havia raiado, e, o Conde Von Lion seguia pilotando, à toda velocidade, pelas ruas e avenidas de New York, a ambulância número 69.

Com a sirene fazendo um barulho infernal, que atazanava os ouvidos de todo mundo, não teve problemas em chegar rapidamente ao local da chamada.

Era uma rua de prédios baixos, com tijolos à vista.

Estava fechada para o trânsito.

Mas, assim que a ambulância apareceu com as sirenes ligadas, o caminho lhe foi liberado.

Uma das pessoas que garantiu o acesso ali, aproximou-se da janela do motorista dizendo:

-É uns 150 metros mais adiante, trata-se de um sujeito que se machucou.

Não deu maiores detalhes, e, em seguida ordenou bastante bravo:

-Siga! Siga! Vá logo! Não fique aí parado!

A ambulância seguiu adiante procurando.

Logo, chegou a um trecho da rua onde a iluminação não funcionava.

Tal situação, fazia com que, na base do improvisado, fossem usados grandes latões de aço, com lixo em chamas no seu interior, para ajudar na visibilidade.

De perto destas fontes de luz, saiu um homem alto, que usava esdrúxula roupa de super-herói.

Ele não parecia nada bem.

Andando, ou melhor, mancando, entrou pela parte traseira da ambulância, no compartimento aonde iam os enfermos.

Como era de se esperar, alguém acabou por lhe fazer a clássica pergunta:

-O que aconteceu?

E ele respondeu:

-Inicialmente era uma ocorrência de estupro, que eu resolvi, depois que preendi, o desgraçado que a ocasionou.

“Aí então, chegaram alguns sabichões que, ao verem a mulher inconsciente, pensaram que havia sido eu, o causador do estado em que ela se encontrava.”

“Em seguida, os sujeitos atacaram sem me dar chance de defesa ou explicação.”

“Quando eu estava quase morto devido ao linchamento, a infeliz estuprada, para minha sorte, acordou;

“Aí ela explicou, que fora eu, quem a salvara do bandido miserável.”

“Só então, os cretinos dos meus agressores, pararam de me bater e simplesmente foram embora, nem sequer pedindo desculpas ou, me prestando qualquer socorro!”

“Desgraçados!”

As portas traseiras da ambulância foram fechadas enquanto o tipo era medicado.

-E a mulher?

-Ela já deve estar no hospital agora!

“Os próprios cretinos a levaram, mas, me largaram aqui.”

A ambulância seguia na escuridão da madrugada, enquanto o tipo reclamava sem parar:

-Eu procuro ajudar o povo...

“Estou nessa vida, prestando assistência, e ajuda, sem cobrar nem pedir nada, desde o século passado, e, é assim que sou tratado.”

“Pessoal aqui, não agradece, não dá ajuda de custo muito menos tapinha nas costas.

-A vida tem dessas. – Disse o enfermeiro que apontou para três buracos no teto do cubículo. – Estes aqui são tiros que tomamos quando fomos atender umas prostitutas perto das bocas de fumo.

-Filhos da mãe! - Comentou o tipo heroico pensativamente. - Não respeitam nem ambulância...

“Até em guerras não se atira em ambulâncias...”

-Isso era antigamente, antes do terrorismo.

“Agora, os médico ou enfermeiros é que são os primeiros escolhidos a levar bala, já que, é mais do que sabido, que, se um deles falta, de dez a vinte feridos em campo de batalha podem morrer.

-É... As guerras agora estão cada vez mais sujas e sórdidas...

-Tecnologicamente, bem mais avançadas...

Nem bem acabou de falar isso, subitamente, um poderoso estrondo se fez ouvir.

As luzes internas da ambulância se apagaram, e, tudo ficou de pernas para o ar.

O enfermeiro foi jogado contra uma das paredes violentamente, com isso, sua cabeça atingiu um tanque de aço e ele morreu instantaneamente.

As portas traseiras se abriram possibilitando assim, uma visão do que ocorria fora do veículo.

A ambulância havia capotado.

Alguns instantes se passaram e o Conde Von Lion apareceu pelas portas para verificar a situação ali atrás e ajudar os vivos a saírem do meio dos escombros, naquele caso, somente o herói, já que, suas roupas colantes feitas com tecido ultra-resistente a choques violentos, havia evitado a maioria dos ferimentos.

-O que houve?- Este perguntou.

O conde ajeitou novamente no rosto, os óculos escuros que sempre usava, tentando assim, recobrar as idéias e dar uma resposta mais clara:

-Foi tudo muito rápido. Um táxi amarelo, estilo clássico antigo, simplesmente, e, sem motivo algum, me abalroou com violência, e nem parou, para prestar socorro.

O conde ficou olhando os estragos na ambulância.

Aparentemente, nada mais nela seria aproveitável.

Perda total!

-Incrível, é que aquele taxi fez todo esse estrago na ambulância, e saiu andando, sem danos, ou quaisquer problemas.

“Acho que, se fizerem o teste do bafômetro, neste motorista que nos atingiu, é capaz de dar uns três litros de álcool por gota de sangue.”

-Já tinha ouvido comentar, que os motoristas de táxi de New York, guiam muito mal, além de não serem normais da cabeça, agora, sair dando porradas nos outros sem motivo...

-Você fechou o cara?

-Não!

-Fez algum gesto obsceno ou xingou ele?

-Claro que não!

-Pois devia, no mínimo, ter mandado o infeliz para aquele lugar.

“Essas coisas não são normais! Só para estes tipos de motorista!”

“São uns poucos e verdadeiros imbecis que denigrem toda a classe de trabalhadores... Anotou a placa, pelo menos?”

-Deu para ver sim.

“Mas o número dela é que é meio estranho: 666.”

No Central Park, num dos verdejantes gramados que margeiam as vias de transito internas, naquela manhã, logo antes de despontarem os primeiros raios de sol. estava sendo celebrado um culto religioso contando com a presença de umas quarenta pessoas.

Depois de uma reflexão matinal, sobre temas, que o sacerdote sempre sugeria, os fieis começaram a rezar.

Era uma oração baixa, quase silenciosa.

O canto dos pássaros silvestres, anunciando a alvorada, em termos de altura de som, perto daquela reza, parecia uma total gritaria.

Mas, um barulho muito mais estrondoso, e medonho interrompeu todo aquele momento de contemplação, por alí.

Era o já conhecido rugido do motor do táxi assassino.

Com toda certeza ele estava pelas imediações.

E, para comprovar, logo deu as caras.

Em alta velocidade, saiu da via de circulação dos veículos do parque, subiu no gramado e avançou sem dó nem piedade, contra os fieis que até a pouco, oravam em quase total silencio.

Semi-entorpecidos pelas rezas, estes não tiveram tempo de reagir frente àquela investida brutal.

Logo na primeira passada, dez pessoas tombaram imediatamente mortas.

O atropelamento continuou, e, o carro ainda acertou, matando, outros cinco fieis, cuja lentidão evitou uma bem sucedida fuga...

Realizando manobras malucas como cavalos-de-pau, mais seis vítimas foram feitas.

Finalmente, não escapou nem mesmo o sacerdote, que o tempo todo, enquanto segurava e brandia o livro sagrado, rogava aos céus,

pragas e maldições contra aquela terrível ameaça que tivera a ousadia de interromper o seu culto.

Foi atropelado e, conseqüentemente, tombou inconsciente alí no gramado mesmo.

Ao deixar para trás a cena grotesca de morte que dera causa, o táxi assassino ainda esmagou uma família inteira de esquilos que involuntariamente cruzou o seu caminho.

Testemunhando aquela cena, um transeunte que por alí passava, sacou o celular, tirou fotos de tudo e avisou as autoridades:

-Sim! Eu acabo de presenciar um crime! - Disse o cidadão. - Uma família inteira de esquilos foi brutalmente assassinada por um táxi que circulava no interior do Central Park.

“Estou enviando arquivos com as fotos anexas.”

O diligente cidadão aproveitou a ocasião, tirou também uma selfie na cena do crime, e postou no facebook.

Aquele fato logo virou notícia e, poucos instantes depois, os sites dos maiores grupos jornalísticos já davam detalhes sobre a matéria:

TRAGÉDIA EM NY!!



“Uma família inteira de esquilos residentes no Central Park foi impiedosamente atropelada por um taxi amarelo muito semelhante aos antigos da marca Checkers.”

“Não houve prestação de socorro por parte do autor desse crime hediondo.”

“Tudo indica que ele fugia de outra cena criminosa em que fora causador onde, mais de vinte pessoas foram mortas”

“A emergência foi chamada para o local.”

“Os esquilos foram medicados, mas, não resistiram e faleceram a caminho do hospital.”

“Um sacerdote, que sobreviveu ao outro ataque deste taxi assassino, deu a seguinte afirmação:”

“-Tive tempo de verificar a placa do veículo: Era 666. Parecia coisa do diabo.”

-Espero que aprecie nossas acomodações, padre. Elas não são muito luxuosas.

-São excelentes para mim. - Disse o padre Martelo. - Se eu quisesse um hotel luxuoso e confortável, teria procurado.

Fez uma breve pausa, olhou as instalações ao redor e indagou:

-É permitido subir até o topo do edifício para admirar as imediações de um ponto mais alto?

-É possível sim. Lá fora, no fim do corredor, tem um elevador. Dentro dele, no painel, tem um botão com a letra R, é só apertar. Ao chegar no andar, basta subir as escadinhas e abrir a porta.

-Ah obrigado.

-Lá faz muito frio.

-Não esquecerei.

-Vou deixá-lo à vontade para que se acomode melhor. O que precisar, me chame.

-Muito obrigado.

O padre Martelo, foi então, deixado só, no seu quarto.

Imediatamente, abriu a sua mala, tirou dela, e, guardou no armário, as poucas peças de roupa que trazia, em seguida, colocou na mesinha do quarto, um laptop, cuja tomada logo plugou na energia elétrica, para carregar as baterias.

Mesmo sendo aquela uma viagem em que pretendia descansar e

se distanciar dos problemas cotidianos, gostava de se manter conectado, para não ficar alheio à realidade.

Depois de se organizar, fez alguma ginástica ali mesmo no espaço exíguo de que dispunha e então pôs-se a rezar.

Não era uma forma de oração comum.

O padre Martelo sentava-se sobre uma almofada, com as pernas cruzadas em posição de meditação e, segundo ele mesmo afirmava, estabelecia em seguida uma linha de contato direta com Deus.

Normalmente, passava muitas horas assim. Entrava numa espécie de transe que o fazia transpirar muito.

Quase tanto quanto um atleta após intenso treino.

Nessa ocasião, não foi diferente.

Padre Martelo terminou sua oração suando em bicas.

Saiu do quarto apenas com as roupas de treino, e foi procurar o andar, onde teria acesso ao topo do edifício.

Não se perturbou nem um pouco com o frio intenso que estava lá em cima, apenas apreciou a beleza da vista enquanto respirava profundamente.

Alguma coisa então lhe chamou a atenção.

Aproximou-se dela, e verificou ser, um jornal dentro de embalagem plastificada, dobrado da mesma forma, que os assinantes destas publicações, as recebem nas portas de suas casas.

Interessado em entregar o jornal ao seu dono, Padre Martelo verificou a etiqueta com o endereço, e o nome do assinante.

Teve então outra surpresa.

O jornal estava em seu nome!

Com o endereço do local onde se encontrava hospedado e até com indicação do quarto.

Mas ele justamente não assinava jornal nenhum!

E quase ninguém sabia como encontra-lo naquela cidade.

Abriu o plástico de onde tirou a publicação e aproveitou para ler as manchetes:

“Família de esquilos dizimada em atropelamento atribuído a taxi misterioso”

Padre Martelo não acreditou nos seus olhos e seguiu lendo a

matéria.

Durante a leitura, teve uma estranha sensação.

Uma sensação, velha conhecida sua, que nunca falhava: a de que ali, em NY, tinha trabalho a fazer.

Ela se confirmou, assim que terminou de ler o último parágrafo da matéria.

Aquele onde era informado o número da placa do taxi assassino: 666.

Levando o estranho jornal consigo, o Padre Martelo desceu para o seu quarto onde foi tomar banho.

Debaixo do chuveiro, pensando naquela matéria que lera, ele teve então certeza absoluta, que aquele taxi tinha alguma coisa de diabólica nele.

E, se era efetivamente o caso, era sua obrigação enfrentar aquela manifestação demoníaca.

Fosse ali em New York ou qualquer outro lugar do mundo.

Como exímio conhecedor de assuntos satânicos, pôs se a refletir nas inúmeras formas que tinha para enfrentar aquele mal.

Quais funcionariam?

Mesmo na internet, haviam algumas centenas delas disponíveis para utilização e aprendizado.

Será que a leitura e cantoria de hinos bíblicos ajudaria?

Ou, quem sabe, talvez, servissem ameaças e xingamentos em latim, com um crucifixo de prata...

Reza braba, água benta...

O que poderia ajudar naquela situação?

Terminado o banho e, já devidamente arrumado, o padre Martelo saiu para a rua.

Pretendia ir até a igreja assistir a primeira missa do dia.

Talvez, lhe fosse concedida a inspiração, que o iluminasse, na resolução daquele problema.

Ao passar pelo porteiro do prédio, onde ficaria temporariamente hospedado, deu a ele o seu jornal, que já praticamente decorara as matérias de tanto ler.

Mal deu alguns passos e foi chamado de volta:

-Ei padre! Me diga uma coisa: esse jornal ainda nem chegou nas bancas.

“Pelo pouco que sei dos horários dessas empresas jornalísticas, ele deveria estar saindo das gráficas agora.”

“Como foi que o senhor já conseguiu um exemplar assim logo tão cedo?”

-Desígnio Divino.

-Bom dia New York!

“Com vocês, o plantão de notícias informando os melhores caminhos para escapar do trânsito mesmo hoje, quando isso não está nada fácil...”

“Pela manhã, ocorreram cinco acidentes de grandes proporções, em locais estratégicos da cidade. Em virtude disso, o congestionamento já está um caos total.”

“Quem puder, vá trabalhar à pé ou de metrô.”

“E agora, com vocês, nossa repórter Maria Fofoca, diretamente da Central de Monitoramento de Trânsito, com informações a respeito das causas destes acidentes que, praticamente paralisaram tudo.”

-Bom dia New York!

“Aqui na Central de Monitoramento de trânsito, um fato inesperado, deixou toda a equipe de plantão sobressaltada.”

“Durante a verificação dos registros, das gravações das câmeras de segurança, e, acompanhamento de tráfego, foi constatado, que, em todos estes acidentes, que pararam a cidade, causando mais de cem mortes registradas até o momento, estava presente, um antigo táxi amarelo da marca Checkers.”

“Os números anotados no veículo e, os da placa, são iguais: “666”.

“De qualquer modo, mesmo essa indicação não ajuda em nada às autoridades, na identificação do responsável por tanto estrago.”

-Mas por-quê Maria?

-Devido à inexistência de um táxi amarelo nessas condições, só com “666” na placa, ou mesmo, com com este mesmo número, no registro.

“Para o Órgão Fiscalizador de Veículos Terrestres Auto-Motores, este carro não existe.”

“Maria Fofoca, do Bom dia New York! Se é que, é possível, ter um

bom dia, com estes acontecimentos”.

–Pois é, meu caro ouvinte, se os Órgãos Fiscalizadores Governamentais dizem que o táxi 666 não existe, nossas câmeras com exclusividade trazem a verdade para você.

“O mini-helicóptero da emissora já flagrou o táxi mais procurado da cidade.”

“As imagens são claras e não deixam dúvidas.”

“Você poderá vê-las em nosso site, na sessão de vídeos!”

“Lá, ficará claro, pela forma como dirige, que esse, sem dúvida, é o cara que a polícia tem de prender...”

“E vejam só...”

“Meu Deus! Isto é incrível!”

“O sujeito passou por cima de uma pedestre que caminhava na faixa, distraída, falando ao celular.!”

“Ela nem sequer soube o que a atingiu.”

“Equinaldo Mete a Boca, nosso crítico e comentarista de plantão vai entrar na linha agora, meus ouvintes”

“Equinaldo! O que só você poderia nos afirmar a respeito de uma cena tão chocante como essa?”

–Bom dia New York! Bom! Primeiramente, eu sugeriria que as pessoas, prestassem mais atenção para os lados, enquanto estiverem falando ao celular, até, por uma questão de segurança.

“Veja que essa transeunte aí, foi pega na faixa de pedestres, que é onde todo mundo pensa que está seguro.”

“Depois, eu quero avisar a pessoa, que estava do outro lado da linha, conversando com a atropelada, quando a sua conversa terminou abruptamente:”

“Não precisa se preocupar pois os seus créditos não acabaram, nem, a operadora que todo mundo acha que é uma porcaria, deixou a linha cair.”

“Na verdade, sua interlocutora ao telefone, estava distraída e foi atropelada por um maluco, que se diz, e se julga profissional, mas não respeita as mais elementares Leis de trânsito.”

–Então Equinaldo, você acha que não dá para se distrair nem na calçada ou faixa de pedestre?

–Claro que não.

“Segurança, cada um tem que cuidar da sua, já que, o cobertor

que a Polícia oferece, é bem curto, fininho, e não esquentar nada!”

-E olha só Equinaldo, desculpa te interromper, mas, dando razão às tuas palavras, nossas câmeras do mini-helicóptero mostram com exclusividade o táxi assassino subindo na calçada e avançando para cima dos pedestres.

-Caramba! – Comentou Equinaldo.- Eu vejo todos os dias táxis da cidade invadindo as faixas de pedestres para empurrar as pessoas em busca de passagem, mas, esse cara é bem mais neurótico que seus colegas de profissão.

-Veja só! É incrível

“Ele atropelou o cachorro que estava cagando no meio da calçada e o dono que o segurava pela coleira.”

-Puxa que pena! Será um porcalhão a menos na cidade.

-É melhor você ficar quieto, Equinaldo.

“Amanhã, a Associação de Proteção aos Direitos Humanos dos Animais e Idiotas, vai brigar com você, e, provavelmente, processar a emissora onde trabalhamos.”

-Me desculpem então.

-Subindo nas calçadas, o táxi amarelo escapou do trânsito da Broadway.

-Veja! Ele está indo em direção ao posto policial ali próximo à Times Square.

-Entrou violentamente lá dentro! Destruiu tudo!

-Esse motorista é um louco psicopata.

-Veja! Está dando ré.

-Está fugindo do estrago que fez e matando mais gente ainda.

-Caramba! Está passando por cima dos feridos.

-Senhoras e senhores: os policiais atiram freneticamente contra o táxi, mas, ele não pára.

“Segue atropelando as pessoas e insuflando pânico na multidão.”

-As balas parecem não ter efeito nenhum contra o carro.

-Continua fugindo! Agora, diversas viaturas da polícia estão no seu encalço.

-Incrível! E continua escapando!

-Nada parece segura-lo. É a maior fuga que já vi na história.

-Nosso helicóptero não o perde de vista, senhoras e senhores.

“A perseguição não facilita o nosso trabalho, mas, continuamos

informando a notícia com exclusividade.”

-Está agora chegando à região do cais.

-Se move muito rápido. Esse cara não anda! Ele voa pelas ruas e avenidas.

-É! Mas veja só: o vôo dele vai acabar.

“A avenida que margeia o rio foi totalmente bloqueada com caminhões, tratores e escavadeiras.”

“Ele parece cercado e sem saída.”

-Não! Veja só!

-Meu Deus! É inacreditável!

-Ele jogou o táxi dentro do rio. Mergulhou com tudo.

-O carro está afundando!

-Sumiu.

O capitão da lancha MAD MONSTER, era experiente no seu trabalho, e, já tinha enfrentado, praticamente, todo tipo possível de problema.

Fazia sempre a mesma rota, que era, do píer até as proximidades da estátua da Liberdade e voltava.

Já conhecia até, o comportamento das ondulações na superfície da água, em cada horário do dia, e até, em diversas condições de clima.

Era um trecho curto e próximo, o suficiente, para permitir que os turistas fizessem boas imagens, e recordações, daquele tradicional ponto turístico.

No percurso, o capitão tinha tempo até, de contar detalhes da história dessa localidade conhecida, e, ainda fazia, algumas brincadeiras com seus passageiros, o que, lhe garantia boas gorjetas.

Mesmo assim, ele sempre se mantinha atento à pilotagem da lancha, primeiramente, porquê levava, em média, cinquenta turistas a bordo em cada viagem, e ainda porquê, na velocidade que seguia, cada ondulação daquelas águas podia esconder uma surpresa diferente.

Mas, mesmo com tantas prováveis ocorrências que pudessem lhe surpreender, ele não imaginava ser surpreendido por nenhum acontecimento mais extraordinário.

Já imaginara até um OVNI saindo das águas bem à sua frente,

mas, nunca que, no meio do rio, fosse se deparar com um táxi nadando bem no caminho de sua lancha...

E era exatamente isto que acontecia naquele momento, numa velocidade estonteante, que mal permitia qualquer reação, quanto mais pensar direito para tomar a decisão certa.

Sem explicação lógica, de - repente ele estava ali onde não dava para desviar...

O táxi que, curiosamente, tinha só a frente boiando para fora da água, mais ou menos até a altura do pára-brisa, levou uma batida da lancha.

Mesmo sendo abalroado, infelizmente, o taxi não levou a pior no choque.

No violento encontro com ele, a lancha pareceu ter atingido uma rocha imóvel e se espicçou em pedaços grandes e pequenos.

Depois da colisão, o táxi ainda subiu no que ainda não havia afundado da lancha, e avançou contra todos os passageiros.

Ali em cima mesmo, matou quase todos imediatamente.

Depois, mergulhou e ficou rodeando a lancha, matando ainda, aqueles sobreviventes, que ainda tentavam escapar da sua fúria assassina.

Mais tarde, o táxi assassino afundou um barco muito maior, causando neste caso, do mesmo modo, número proporcionalmente superior de mortes.

Desta vez, enquanto rodeava sua nova vítima, que afundava desesperada, ainda soltava, uma mancha negra e densa, sobre as águas, que matava qualquer ser vivo, que com ela entrasse em contato.

Posteriormente, tais ocorrências acabaram por obrigar as autoridades a fecharem o transito pelo rio, pois até a vida marinha ficou comprometida e, ameaçada.

Só puderam a navegar ali, embarcações das forças armadas, que, esquadrihavam aquelas águas, em busca do carro amaldiçoado, que, após sua mais recente matança, escapou sem deixar vestígios de seu paradeiro.

Essa busca, ainda era monitorada por milhares helicópteros, drones, submarinos, navios com todo tipo de parafernália tecnológica, e ainda, satélites que, acompanhavam registrando, cada detalhe, ou fato novo, referente ao caso.

E mesmo assim, as novidades eram poucas.

Naquele momento, o táxi assassino poderia apenas, estar inativo, sabe-se lá por qual motivo, ou, por quanto tempo...

E nestes momentos de pausa surgiram algumas divergências.

Nem todos concordavam com o estado de alerta, que se instaurara devido à ameaça do taxi assassino do inferno, alguns, até exigiam a retirada dele.

Mas, casualmente, foi justamente, quando as autoridades já pensavam até, em relaxar tal medida, que o táxi assassino deu as caras novamente, fazendo mais vítimas.

Desta vez, foi um barco de guerra, com canhões poderosíssimos, lançadores de mísseis, metralhadoras e até minas de profundidade.

Nem mesmo, todas estas armas combinadas com radares, sonares e diversos outros meios de defesa, disponíveis a bordo, foram capazes de evitar, que mais gente morresse, em consequencia dos ataques do táxi maldito.

Neste caso, e, como nas outras ocasiões, o veículo assassino só foi visto, no último momento que precedeu o seu ataque.

Subitamente, aquele carro apareceu em meio às águas, perto da embarcação, só com a frente do veículo, para fora da água.

Sabe-se lá como, os detectores de aproximação disponíveis a bordo, ou mesmo os existentes nas proximidades daquela parte do rio, não acusaram a aproximação do automóvel infernal.

O que se sucedeu foi surpreendente.

Os faróis dianteiros do veículo, se acenderam no meio da noite, e então, dois fachos luminosos muito intensos saíram do automóvel acertando a lateral do barco.

Como raios mortais, eles cortaram a embarcação assim como uma faca aquecida faz com a manteiga.

Não houve tempo de reação, já que, as águas tomaram o barco, tragando-o para a escuridão gelada das profundezas, em poucos minutos.

Também os poucos que puderam se lançar ao rio, na vã esperança de salvar suas vidas, foram queimados pelos raios que saíam dos faróis.

Todos tiveram destino idêntico: a morte. Cada qual, ao seu modo...

Muitos, acabaram intoxicados ou, sufocados, pela mancha negra que o táxi assassino derramou na superfície da água, reforçando assim, o seu rastro de morte, e, aumentando o número de vítimas..

Quando o socorro chegou, nada mais havia a se fazer.

Mais uma vez, o veículo amaldiçoado já deixara para trás o cenário funesto a que dera causa.

DESCOBERTA NOVA MODALIDADE DE GOLPE!!!

Doe seu rim involuntariamente e ganhe um celular!

Com exclusividade, chega a estas linhas, mais um furo jornalístico!

Este, se refere a uma nova modalidade de golpe, onde pessoas, são raptadas, têm um de seus rins extraídos, e, acabam ganhando como retribuição, ou, prêmio de consolação, um telefone celular do último tipo.

Tal prática, foi descoberta, quando um Mendigo Profissional, veio à redação deste veículo de comunicação, oferecendo para venda, a imagem do táxi assassino, saindo do rio, num trecho onde não havia nenhuma segurança, mas, somente o autor da fotografia, e, seu telefone celular como testemunha.

Nossos peritos analisaram a filmagem apresentada e foram categóricos em apontá-las como autênticas.

São imagens do conhecido Táxi assassino, que têm assombrado nossa grande cidade, matando alguns de seus personagens mais ilustres, tais como, uma família inteira de esquilos no Central Park, e ainda, um cachorro que fazia suas necessidades, em calçada pública.

Nas filmagens que nos foram apresentadas, o táxi aparece saindo das águas do rio, avançando em direção à pista, e se transformando num outro modelo de carro.

Agora, o veículo assassino não tem mais a aparência de um Checker, estando neste momento, segundo nossos peritos, mais semelhante à um Chevrolet Caprice 96.

Depois que negociarmos o uso das imagens com o sr. Mendigo

Profissional, que está pedindo uma nota preta, para tanto, pretendemos disponibiliza-la nos nossos programas e na internet.

O que nos levou ao furo dessa matéria foi, o fato do Sr. Mendigo Profissional, utilizar um celular último tipo, com bastante crédito, para suas chamadas.

Diante dessa ocorrência incomum, nossos jornalistas o indagaram sobre como conseguira adquirir um aparelho, que era objeto de consumo de ricos e milionários.

A resposta surpreendeu a todos.

Ele afirmou que certo dia sofreu um desmaio misterioso, e acordou num hospital com marcas de cirurgia recém realizadas, um celular novo, e alguns trocados nos bolsos.

Ninguém sabia porque ou como ele fora parar lá.

Talvez, tivesse sido largado inconsciente, perto da porta do edifício, ou coisa assim.

O fato é que, foram verificar as marcas que ele tinha e constataram que um de seus rins havia sido extraído sem consentimento.

-Pelo menos eu ganhei um telefone novo, né moço? – Ele se conformava junto aos nossos repórteres.

A promotoria foi oficialmente notificada a respeito do caso e já informou que está tomando as providencias adequadas.

-Bom dia New York! A grande novidade do momento é a volta do táxi assassino às ruas da cidade.

“Agora, segundo apuram as imagens que foram gravadas e divulgadas, ele deu uma atualizada no visual.”

“O que você comenta a este respeito, Maria Fofoca?”



-Bom dia New York! Na verdade, o taxi assassino ainda não atualizou o visual, pois, segundo os especialistas, se transformou num modelo do século XX já bastante ultrapassado, até nos dias de hoje.

-E você viu as imagens fantásticas dessa transformação?

-Sim! O modo como ocorreu. parecia até computação gráfica.

-O que você testemunhou é bem real, Maria Fofoca. Nossos especialistas asseguram.

-Infelizmente! Outra grande consequência desse retorno triunfal é que o taxi assassino já está agora na lista dos cinco vilões mais odiados de New York.

-Cinco vilões mais odiados de New York???

"Caramba!"

"Então, às vésperas da estréia, do novo capítulo, de GUERRA NAS ESTRELAS, teremos, mais um malvado favorito, disputando contra os defensores do lado negro da força, o título de REI DOS FILHOS DA PUTA?"

-Usou o termo correto!

"E o taxi assassino, esse ano, está disparado na liderança!"

Conseguiu a proeza de atrair para sua direção, os ódios de todos, incluindo, o do afamado multibilionário, Sr. K. H. Grana, que, ofereceu cinco BILHÕES DE DÓLARES para quem destruísse esse veículo que segundo as palavras dele: "É coisa do Diabo".

-Mas, Maria Fofoca, por-quê o sr. K. H. Grana estaria oferecendo tanto dinheiro para eliminar essa ameaça? Ele é um filantropo? Quer se candidatar a prefeito nas próximas eleições?

-O Sr. K. H. Grana ganhou imensas fortunas durante as crises financeiras que abateram a economia capitalista do século XXI, ele não é muito famoso por doar dinheiro para as instituições de caridade,

orfanatos, asilos ou coisas do tipo.

“Agora, se você quer saber por-quê ele está oferecendo esta fortuna para quem acabar com o táxi assassino, isso, eu posso te dizer:”

“Ele era dono do cachorro que foi filmado sendo morto quando estava fazendo suas necessidades em local inapropriado.”

“O sujeito que acompanhava o cão, era o seu treinador de animais particular, contratado para levá-lo passear, e limpar suas m3#das!”

-Não resta dúvida que o coração do sr. K.H. Grana era cheio de amor pelo seu animal de estimação.

“Agora... Cinco bilhões de dólares de recompensa????”

FIUUU (assobio)

“Muita gente certamente vai se interessar por essa recompensa, não é mesmo, Maria?”

-Não tenha dúvida.

“Até o governo mesmo vai querer.”

“As Autoridades já se manifestaram, logo depois, que o sr. K. H. Grana, fez a oferta da recompensa.

-Ah é? E o que eles disseram?

-Pediram para a população não entrar em pânico.

“Os porta vozes oficiais, disseram ainda, que, a ameaça representada pelo táxi assassino, é irreal, e, que, tudo não passa de histeria coletiva.”

“Ordenaram ainda, que as pessoas fossem para suas casas e aguardassem com calma, a resolução tranquila desse mal-entendido.”

-Não pediram também para fazermos nossas orações?

-Não é má ideia, já que, a ameaça é real.

“Agora: quem vai proteger o povo desarmado, se na hora da luta, o governo, seus poderes e forças militares, estão engessados, enfiando a própria cabeça dentro de um buraco, na terra?”

-E eu prometo, sras. e srs; que: se eleito, todos terão acesso à internet, banda larga de FIBRA ÓTICA, de graça!

“Ninguém passará mais fome, nem frio, nas ruas dessa cidade, porquê, sras e srs., se eleito, garantirei um prato de comida quente, cheia e farta, em todas as refeições, mais, uma casa com televisão digital, à

cabo ou, via satélite, com aquecedor ecológicamente adequado às necessidades ambientais do planeta e que abriguem o trabalhador e sua família.”

“E não só isso.”

“Comigo, todo mundo vai ver os mesmos programas de TV e internet, que os ricos assistem.”

“Sem pagar nada, incluindo, os pornográficos também.”

“Eu peço o seu voto, para colocar calçada fosforescente na rua, que dê para se enxergar da Lua, e, para garantir ainda, que todo dia, os seus jardins tenham uma grama apropriada, limpa, gratuita e ecológicamente adequada às necessidades ambientais do planeta.”

“Prometo ainda acabar com a bandidagem daqui, principalmente com esse táxi assassino que está amedrontando a cidade toda..”

“Comigo no poder...”

O candidato não completou a frase.

Sabe-se lá de onde, apareceu o famigerado táxi assassino, no seu novo “look”, fazendo ainda as mesmas coisas que já fazia antes, ou seja, levar a morte a todos ao redor.

Naquele momento, umas vinte pessoas foram atingidas pela impiedosa máquina atropeladora, incluindo o candidato que fazia sua propaganda e eleitores.

Ninguém escapou com vida dali.

A promessa de eliminar o táxi assassino não poderia mais ser cumprida por aquele candidato...

Depois de enviar o ilustre candidato para o inferno, o táxi assassino, mais uma vez, conseguiu se misturar e desaparecer, no meio do pesado transito da cidade.

Camuflado, pegou só até o fim daquele dia, mais de quarenta passageiros, garantindo a estas almas, uma morte tenebrosa e angustiante.

Tudo poderia permanecer nesse ritmo, caso um motorista que dirigia falando ao celular, não tivesse andado tão devagar, na frente do famigerado taxi.

A pista era estreita e dificultava as ultrapassagens.

O motorista falador pareceu, ou, não quis se aperceber da ameaça, e, seguia em velocidade abaixo da mínima permitida, dificultando a passagem para quem queria seguir mais rápido.

O táxi assassino não ficou impaciente, nem perdeu tempo, reclamando que a justiça humana não puniria, aquela infração, com o rigor necessário.

Ele simplesmente cumpriu sua missão.

Deu uma trombada no veículo do infeliz, que o fez voar vários metros, antes de cair no chão, matando um motoqueiro que estava no caminho.

Foi então que, ao verem aquela cena, diversos outros motoqueiros se conscientizaram da ameaça:

-Temos que nos unir para enfrentar essa injustiça.

-É isso aí!

-Tem um prêmio bilionário para quem destruir esse negócio.

-Essa grana vai ser nossa.

-É isso aí.

-Vamo lá.

Os motoqueiros subiram nas suas máquinas, e se uniram naquela caçada.

Pareciam chacais em busca da presa.

Saíram com todo tipo de armas que conseguiam carregar.

A perseguição começou e, logo, uma chuva de chumbo se abateu sobre o táxi.

Ao invés de, surgirem buracos na lataria do veículo, provenientes das balas que tomava, começaram a crescer sobre os pontos de impacto nesta, diversas saliências que aumentavam de tamanho e forma até se tornarem extremamente pontiagudas.

Logo, toda a superfície do carro ficou coberta delas.

Mesmo na banda de rodagem dos pneus, surgiram taxas metálicas e pontiagudas.

Outro resultado decorrente da primeira saraivada de tiros, foi o próprio ricochete das balas, que fez com que, diversos motoqueiros envolvidos na perseguição saíssem atingidos.

Dois outros elementos da gangue, montados numa mesma motocicleta, se aproximaram da lateral do taxi, com, uma garrafa de vidro, cheia de líquido inflamável, em cuja boca, havia um tecido em chamas.

Acertaram o veículo, fazendo com que as chamas se alastrassem sobre parte dele.

Porém, não puderam evitar, a reação que veio rápida e fulminante.

O táxi bateu de lado na moto, fazendo com que, os dois ocupantes caíssem, e fossem esmagados pelos colegas que vinham logo atrás.

Para completar: o taxi deu uma freada repentina, que fez com que mais quatro ou cinco motoqueiros caíssem.

Outros dois ainda entraram direto na traseira do carro amarelo, e foram arremessados, mais de trinta metros, além do ponto do impacto.

O táxi assassino avançou mais.

Porém, a seguir, parou, e, voltou com tudo, esmagando e matando, outros motoqueiros.

Na sequencia, avançou novamente o seu caminho, deixando atrás de si, outra trilha de mortos.

A pausa nas investidas durou pouco tempo.

Outras motos, ainda conseguiram emparelhar com o táxi assassino, sendo que, dois dos atacantes, até subiram no carro em movimento.

Um deles, não conseguiu se segurar, e, logo, acabou sendo derrubado no chão.

Já, o outro: o mais persistente, chegou até mesmo, a dar, várias correntadas sobre o para brisas, achando assim, que, tal investida, serviria de alguma coisa.

Ledo engano.

Não conseguiu sequer, trincar o vidro, tão pouco, arrancar lascas de tinta da lataria.

Pior: Sua persistência em permanecer sobre o carro, só lhe foi prejudicial, já que, os espinhos pontiagudos. e. calombos na lataria, detonaram, não só, com suas roupas de couro, mas também, lhe causaram graves ferimentos.

Talvez, por força do uso das drogas e da bebida, os motoqueiros não estivessem avaliando muito bem, os perigos que corriam, ao avançar contra o taxi assassino, por isso, prosseguiram atacando, mesmo diante do sofrimento, dos próprios companheiros.

Mas esse ímpeto, em nada melhorou a situação.

Os motoqueiros, logo que se aproximavam do táxi, eram abalroados, amassados ou imprensados.

Persistindo tal situação, finalmente acabaram por desistir, até porquê, não sobraram vivos, de um grupo que, anteriormente tinha mais de cem integrantes, mais que dois ou três, em condições de continuar a perseguição.

O “trabalho” do táxi assassino, entretanto, não ficou mais fácil com o fim do ataque daquela gangue.

Outra, já estava esperando meio quilômetro mais adiante para também se mobilizar contra o carro maldito.

Esta, era ainda mais numerosa, e bem armada que a do ataque anterior.

Ao contrário dos finados motoqueiros que, no seu arsenal incluíam armas medievais para lutar, esta outra turma, tinha um o fuzil-metralhadora como vedete e mascote.

Claro que também haviam nela, os que preferiam facões, e até machados, porém, o uso das armas brancas era bem menor.

Chegava mesmo a se paracer com um pequeno exercito, na sua maioria, composto, por gente, das classes menos favorecidas de New York.

Ainda que de origem humilde, ninguém ali era bonzinho ou trabalhador honesto.

Todos eram perigosos criminosos oriundos de países sem Lei nem Justiça, que viviam escondidos e disfarçados entre imigrantes ilegais foragidos da violência.

Daí, a razão de portarem até lança-chamas, granadas e bazucas no seu arsenal.

Dentre os que, pleiteavam conquistar a tão cobiçada recompensa, este grupo era o que mais bem organizado, armado e preparado.

Até mesmo o terreno, fora escolhido e minado, de forma a lhes dar vantagens no combate

A região era um formigueiro de tanta gente.

Todavia, o trânsito nas ruas estava vazio, pois, muitas delas, se encontravam bloqueadas, com buracos na pista, grandes pedaços de concreto, e, até mesmo, caminhões capotados.

Naquele bairro, a locomoção estava restrita.

Eventuais veículos que por alí transitassem, seguiam sempre o mesmo caminho, até para não ficarem retidos, ou, bloqueados, em vias obstruídas.

E era exatamente, num destes trechos do bairro, que o táxi assassino maldito, agora se encontrava circulando...

Quando este chegou até bem próximo ao um dos bloqueios, onde, não dava para seguir adiante, deparou-se com uma parede formada por barreiras de concreto, de um metro e meio de altura, que bloqueavam não só o caminho adiante, mas também, o acesso às calçadas, que estavam lotadas, de gente armada, e, com vontade de atirar em alguma coisa.

Os obstáculos que o poderiam impedí-lo de prosseguir por aquela via, já eram visíveis, a mais de cinqüenta metros de distancia, portanto, qualquer motorista com uma olhos em boas condições , poderia enxergá-lo à distancia, até porquê, eles ainda eram pintados de amarelo e preto para se destacar da paisagem urbana.

O táxi amaldiçoado pareceu não tomar conhecimento de qualquer obstáculo, já que, avançou, mantendo a aceleração inalterada, como se soubesse, que iria trespassar qualquer coisa adiante, sem o menor problema.

Além de aparentemente não ter se dado conta da parede de concreto à frente, aparentemente, também não percebeu, uma grande lona preta, estendida sobre o chão, que cobria justamente o trecho final onde era possível circular.

Ao passar por cima dessa lona, o táxi caiu numa grande armadilha.

Ali embaixo, havia um buraco, com mais de oito metros de profundidade.

Ao passar por cima da lona, e o veículo caiu no buraco, e foi direto para o fundo dele.

Dali, pelas vias normais, não tinha como escapar.

O povo atrás das barreiras de concreto gritava de alegria.

Aparentemente o táxi estava preso e não tinha escapatória.

Muita gente chegou na beira do buraco e começou a despejar sobre o veículo uma saraivada de chumbo quente e fogo.

Todo mundo mandando bala...

Eram fuzis, espingardas, pistolas, bazucas, lança-chamas...

Ninguém deixou de aproveitar a ocasião para tirar a sua lasquinha daquele veículo maldito.

Até mijo e m3#da, mandaram para cima do taxi assassino.

E finalmente, jogaram sobre o automóvel, pesadas barreiras de concreto.

Logo então, vieram os caminhões, rapidamente passando a cobrir ainda com terra e areia, o concreto sobre o imenso buraco que rapidamente foi desaparecendo.

Mais algum tempo se passou e não ficou mais resquício algum do enterro.

O taxi maldito, desapareceu, totalmente coberto, por terra e escombros.

O povo começou a comemorar a derrota daquele inimigo tão cruel:

-Com New York ninguém pode!

-É por isso que somos os melhores do mundo.

-O povo aqui se vira sozinho. Nós somos os heróis e super-heróis.

-É isso aí.

-Não tem pra ninguém.

-É campeão.

-Vai Corinthia! [ops! Escapou (o autor)].

Então, um ruído de baixa intensidade se fez ouvir por todo o local.

Em seguida, o solo foi abalado por um tremor, que, até o deixou mais quente.

Os detritos, e a terra, que cobriam o veículo, lentamente, se transformaram numa escura massa pastosa, quase líquida, borbulhante e fedida.

Dali, começaram a sair gases, na forma de uma densa névoa branca, que rapidamente cobriu tudo ao redor.

A seguir, muitas pessoas caíram asfixiadas sem conseguir respirar algo tão denso e venenoso.

Não tardaram sequer, dez minutos, para que, toda aquela região estivesse cobertas de cadáveres.

Ninguém resistiu aos gases tóxicos que tomaram conta das ruas e edificações no bairro.

Talvez... Até fosse melhor assim...

Pelo menos, aquelas pessoas não teriam o desprazer de constatar que, do interior dos venenos exalados pela massa escura, saiu o táxi assassino triunfante, como se nada tivesse acontecido.

Encoberto pela névoa asfixiante, aproveitou-se da vantagem que tinha, e saiu daquela zona de morte, sem nada, ou ninguém, perceber...

Alferes Fernando Zéca acabara de sair da lanchonete onde comera cinco hot-dog tradicionais, atolados de mostarda, e tomou um suco de laranja caríssimo, minúsculo, e lotado de gelo.

Encaminhou-se para o seu Mustang preto, último tipo, estacionado à porta do estabelecimento.

No capô do carro, e nas laterais, havia um adesivo branco, com o símbolo usado pela Federação dos Planetas Unidos, nas séries televisivas de ficção científica, video-games e gibis da Jornada nas Estrelas.

Além da cor branca, o adesivo do logo no carro tinha um pequeno diferencial com relação ao da série.

No interior daquele do veículo do alferes, havia a silhueta de guitarra preta, com uma folha canábica verde no seu corpo.

Assim que entrou, e, fechou a porta, passou à toda velocidade, tirando “fina” do carro dele, o tal táxi amarelo cuja “cabeça” estava à prêmio, e que, em decorrência disso, era procurado por todo mundo.

A lataria deste, parecia uma carcaça de tatu, de tão deformada, mas, a placa e a numeração batiam com a comentadíssima descrição: 666.

Alferes condecorado Fernando Zéca, ligou a sua caranga, e acelerou atrás daquele veículo amaldiçoado, pensando no prêmio que iria faturar.

Atrás do banco do passageiro, havia uma caixa de papelão, que ele logo pegou, e, colocou na poltrona ao seu lado.

Sem olhar, e dirigindo em altíssima velocidade, tirou de dentro dela um porrete e um par de nunchakus.

-Não! Não serve.

Depois, tirou um fação de 45 centímetros de comprimento só na lâmina, com um soco inglês embutido no cabo.

-Não serve também....

Puxou então uma pistola Magnum 45 carregada até a boca.

-Vamos ver.

Acelerou mais ainda, e, logo alcançou o táxi.

Não fez a menor cerimônia, empunhou a arma por fora do carro apontando-a diretamente para os vidros do veículo amaldiçoado.

Disparou todos os tiros que pôde, até esgotar a munição.

O resultado foi nulo.

Alferes Zéca ficou surpreso, com o fato de vários tiros disparados pela sua MAGNUM 45, não terem sequer, quebrado os vidros do outro carro.

-Devo ter abastecido com festim.

E o táxi acelerou, para tentar escapar das investidas do alferes.

No seu veículo, atrás do volante, Fernando Zéca não se conformou.

Jogou no assoalho, a pistola que até então disparara, e tirou de dentro da caixa, outro de seus brinquedinhos.

Era um rifle com visual pra lá de futurista.

-Esse aqui não me falha. – Disse o alferes.

Açferes acelerou mais ainda a sua caranga, e logo alcançou o táxi novamente.

Dessa vez, já chegou dando uma forte batida na roda traseira do outro veículo que além de tirá-lo do rumo, o fez capotar.

Em seguida, estacionou seu Mustang ao lado do automóvel acidentado e já saiu com o rifle em punho.

Sem muita conversa, logo disparou contra o táxi.



Da sua arma, saiu um fino raio brilhante, que acertou o veículo assassino abrindo um corte profundo e borbulhante na sua “lataria”, ou, fosse lá, qual fosse, o nome que aquilo tivesse.

Um som do motor, que parecia mais um grito angustiado, se fez ouvir:

-Esse aqui não falha.- Repetiu o alferes Fernando Zéca Corinthiano. – Da próxima vez, compro mais três ou quatro, na lojinha do fã-club, dou uma para minha esposa deixar em casa, outra para guardar no carro dela, e mais uma para a molecada brincar no quintal com a vizinhança.

Para torturar um pouco mais aquele carro maldito, que tantas mortes, já havia causado na cidade, deu ainda mais alguns tiros noutras partes do veículo.

Num deles, o táxi destombou devido ao impacto recebido.

Foi então que veio a reação.

O táxi apontou seus faróis para o Mustang preto e emitiu contra este, dois mortíferos e destruidores fochos luminosos.

A caranga se incendiou como um palito de fósforo.

Fernando Zéca apertou novamente o gatilho do seu fuzil comprado no bacião, porém, ele não disparou mais.

-Maldição! Esqueci de trocar as baterias! As novas que eu devia estar usando, ficaram no porta-luvas.

O táxi, em seguida, avançou contra o alferes, que, ainda sacou dos bolsos de sua calça, uma granada.

Tirou o pino de proteção com os dentes, e, a arremessou contra o carro assassino.

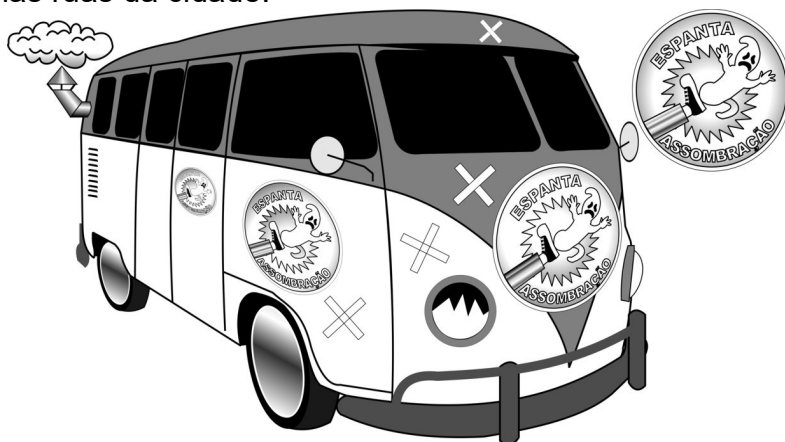
Ela atingiu o veículo em cheio, cobrindo-o com chamas e estilhaços da própria explosão.

O avanço foi retardado, mas, por pouco tempo.

Desarmado para enfrentar aquela ameaça, o alferes Fernando Zéca Corinthiano, viu os bilhões de dólares, com que tanto sonhara, se desvanecerem, e, junto com isso, a chegada das parcelas que ainda restavam serem pagas, da sua poderosa caranga, que ora restava destruída.

Sem mais perda de tempo bateu em retirada salvando o próprio couro.

Naquele momento, ali pelas imediações, todos os membros da Associação Espanta-Assombração, criada com o objetivo, de exterminar fantasmas, criaturas demoníacas e outros bichos do além; faziam uma patrulha pelas ruas da cidade.



A bordo do veículo oficial, uma velha Kombi branca e verde, com vidros pretos, por trás dos quais, os associados seguiam protegidos dos olhos invejosos, fumando maconha, uma importante discussão, tinha seguimento:

-Essa grana tem que ser nossa.

-Por-que? - Indagou o outro com os olhos semi-cerrados pelo poder do fumo.

-Tenho certeza que esse táxi tem alguma coisa a ver com o diabo.

-Que é? Virou guru agora? E onde a gente entra nessa?

-Ora, não somos da Associação Espanta-Assombração (AEA)??

"Nossa finalidade não é mandar embora criaturas demoníacas e assemelhadas?"

-Não temos como fazer isso não.

"Esqueceu que nossos equipamentos são de mentira, e que montamos essa empresa apenas para conseguir o subsídio que a Lei oferece?"

-Mas esse era um caso bom para a gente resolver.

"Dentro de alguns meses o subsídio vai acabar e nós teremos que nos virar por conta própria."

“Se conseguíssemos solucionar isso aí, a Administração não pensaria duas vezes em renovar o contrato conosco.”

-E como espera sanar esse negócio?

“Esqueceu que, o único que solucionamos, foi o pinto grande do papai aqui, que resolveu?”

“Tá lembrado, que se não fosse eu aqui, comendo a loirinha safada, da secretária, do político pilantra, jamais descobriríamos que a história de fantasmas por ele inventada era só para encobrir o sumiço da grana?”

“E não se esqueça, que são os downloads do vídeo pornô, que fizemos com ela “confessando a verdade”, que ainda pagam as despesas da Associação.”

-Agora a situação é diferente. Temos um caso de verdade nas mãos.

“E eu acho que sei como solucioná-lo.”

-Solucionar como, meu irmão?

A resposta foi a exibição de uma valise preta.

-Tá aqui dentro. Consegui uns litros de água benta. Dizem que não tem criatura demoníaca que resista à ela.

-Como é que você sabe disso?

-Tá na Internet. É só ver.

-Nada ver meu chapa!

“O negócio é arrumarmos um caso onde eu tenha que comer uma buceta, extrair a verdade da vagabunda e por no jornal.”

“A imprensa quer escândalo. Não quer saber de caso de fantasma e criatura demoníaca.”

“Isso não dá visibilidade.”

-Mas essa coisa tá matando um monte de gente!

“Já trucidou até os bichinhos do Central Park. Você não tem coração?”

-Meu chapa, nós vamos fazer sucesso mesmo, é com outra gravação de pornô.

“Esse negócio de água benta é para filme de terror.”

“Povo hoje só quer saber de sexo!!!”

Nem bem isso foi dito, o som alto do que parecia ser um motor, cresceu absurda e rapidamente até que um estrondo chacoalhou e atingiu a kombi com extrema violência.

Como numa explosão, tudo lá dentro, virou uma baderna e começou a ser comprimido, diminuindo rapidamente, o tamanho do cubículo.

A perua fora atingida.

O espaço deixado pelos vidros estilhaçados e os destroços de metal cortado e retorcido da kombi, revelaram o que havia causado tamanha confusão.

O táxi assassino.

Após a violenta colisão causada por este, tanto o pintudo, bem como o intelectual, que tinha a arma infalível para acabar com a carreira de morte, e, destruição, do veículo maldito, se transformaram numa massa de carne, trapos e ossos.

Nem com espátula, se conseguiria separar os restos mortais de um do outro.

A garrafa de água benta, que, eventualmente poderia ajudar, trazendo o fim daquela amolação, nem tivera tempo de ser aberta ou testada.

Ainda não seria agora, que a trilha de mortes, deixada pelo táxi assassino teria fim.

Assim como das outras vezes, ele seguiu caminho sem aparentemente ter sofrido o menor dano ou ferimento que lhe causasse arrependimento e peso na consciência.

Padre Martelo resolveu arejar as idéias com o ar da noite.

Era um dos que, acreditava na caminhada, como meio de encontrar as soluções para os problemas que o afligiam.

As vezes, porém, ele se arrumava amolações piores ainda...

Deixou a Igreja para trás, após um longo tempo dedicado à oração, e, andou até o burburinho das boates, que naquela região da cidade, não se distanciava muito de onde estava hospedado, ou mesmo, do templo de Deus, onde a pouco estivera.

Admirando o movimento naquelas ruas, que nunca cessava, o padre Martelo até chegou a encontrar algum relaxamento.

Mas, foi só por um breve instante.

A seguir, ao seu redor, começou a correria.

Primeiramente, ele identificou na porta de uma boate, o seu companheiro de aperto, na fileira do vôo, que viera de São Paulo: o Pirulino.

E ele não parecia muito normal. (Não mais do que já não era...)

Estava com cara de quem bebera um bocado, e, agora, só queria uma corrida para casa.

O problema no caso, era que ele estava chamando um táxi para voltar...

Ou melhor: O TAXI!

Sim, O TAXI ASSASSINO DO INFERNO!

Padre Martelo, não teve dúvidas, quando o viu pessoalmente.

Aquilo realmente era coisa do Diabo.

A aparência do veículo era simplesmente horrível: a lataria estava cheia de calombos.

Havia ainda um foco de chamas ardendo sobre o capô.

Ninguém em New York, parecia estar atento a tais detalhes.

Muitas pessoas, devido aos vidros escuros, e até mesmo às portas automáticas de veículos, lojas e estabelecimentos, abrindo e fechando sozinhas, praticamente convidam a todo momento, qualquer um para passear.

Deste modo, as pessoas incautas e, desavisadas, nem percebem direito aonde acabam entrando.

Os apressados novaiorquinos, em geral, captam de relance, com os cantos dos olhos, a cor amarela característica dos táxis se aproximando, fazem sinal e, sem cerimonia alguma, muitas vezes, entram nos veículos, sem verificar direito, sequer, se já não está ocupado.

Pirulino não era novaiorquino, mas, bêbado do jeito que se encontrava, já estava prestes a escolher, só pela cor, a condução que tomaria...

Certamente, muita gente desesperada na Big Aple, mesmo sem usar nenhum tipo de droga, repetiria o mesmo erro, por isso, mesmo amassado e quase destruído, o taxi assassino do inferno continuava fazendo novas vítimas, com o avançar das horas.

Assim que percebeu o Padre Martelo percebeu o perigo, duas grandes e pesadas marretas negras, com brilho azulado ao redor, materializaram-se nas suas mãos.

E com incrível força e habilidade, incomuns a alguém que diz ter

mais de oitenta anos, lançou-as em seqüência contra o veículo maldito.

Logo em seguida, nas mãos do padre, mais uma vez, apareceram outras duas marretas, iguais às primeiras, que ele, da mesma forma, arremessou violentamente, acertando o táxi em cheio.

Assim continuou, com outras marretas, materializando-se, vindas sabe-se lá de onde, nas suas mãos, até que, o TAXI, que estava para conseguir outra vítima, (neste caso, o nosso estimado Pirulino) reagiu de modo incrível...



Como se fosse uma animação, destes modernos desenhos, produzidos em computação gráfica, liberou sua ira.

Claro! Porque, a força das marretadas que tomou, lhe chamou a atenção.

E não só a sua, mas também, das pessoas por ali circulando.

Só mesmo os estrondos, das pancadas das marretas no táxi, para mostrar a todos, o perigo imediato!

Pirulino e as demais pessoas, temerosas por suas vidas, se afastaram correndo dali.

O táxi, assim que identificou o seu agressor, partiu para cima dele atropelando o que quer que estivesse no caminho.

Padre Martelo recitou algumas palavras em latim, mas, percebeu que elas não surtiam o efeito pretendido, já que, o automóvel continuou avançando rapidamente na sua direção.

Sacou então um crucifixo, que exibiu para o táxi assassino, mas, não conseguiu fazer com que isso surtisse qualquer efeito também.

Só restou ao Padre, botar as pernas pra correr, seguindo assim, até o interior da igreja mais próxima, onde se sentiu mais seguro.

Mesmo lá dentro, onde considerava território sagrado, em que nenhuma criatura demoníaca jamais se atreveria avançar, ele teve outra surpresa.

Nada parecia impedir a fúria do táxi.

Desesperado, correu para o altar onde havia uma pesada mesa de mármore que, imaginava poder lhe oferecer alguma proteção.

De trás dela, novas marretas materializaram-se nas suas mãos, ao que, imediatamente atirou-as contra o veículo maldito.

Mesmo assim, o táxi avançou destruindo a mesa e tudo o que havia nela: garrafas de cristal, uma pia batismal com água, taças de prata, imagens, velas e até o Livro Sagrado.

Miraculosamente porém, quando até mesmo o Padre Martelo já acreditava que seu fim tivesse chegado, aquele táxi que, de certo modo parecia expressar emoções humanas, fez um barulho muito alto mesmo.

Como que, se repentinamente, algo estivesse a lhe causar intensa dor.

Surpreendentemente, o táxi então, recuou rapidamente pelo mesmo caminho que veio, fazendo muito barulho.

Parou no meio dos destroços do templo que deixara semi-destruído.

Havia muito fogo na sua parte dianteira.

Bem mais do que antes de tentar realizar o ataque contra o padre.

Em meio às chamas porém, começou a passar por outra transformação.

As velhas linhas de design ultrapassado do final do século XX, se transformaram numa espécie de bólido amarelo hiper-futurista que, nem rodas ou pneus tinha mais.

A nova versão recém transformada se livrou do fogo que a cercava em poucos segundos.

Em seguida, das suas laterais se destacaram objetos parecidos com as modernas metralhadoras de canos rotativos, que começaram a cuspir fogo, em todo o interior da igreja, até que, não houvesse mais nenhum movimento por ali.

Tal era o poder daquele armamento, que, logo nas primeiras rajadas, o padre se viu soterrado pelo teto que desabou sobre ele.

No que se referia à sede de sangue, a versão super-moderna do taxi assassino do inferno, nada tinha mudado, em comparação com as anteriores.

Sem demonstrar impaciência, a novo versão do táxi assassino flutuou sobre os destroços para se certificar de que não deixou nenhum sobrevivente.

Em seguida, partiu desapressadamente.

Sua checagem porém foi imperfeita, já que, pouco depois de sair, uma pilha de destroços começou a se mexer e, dali de baixo, saiu o padre Martelo vivo, mas com bastante sujeira e rasgos nas suas roupas pretas.

-Preciso de um banho urgente.

Mais tarde, debaixo do chuveiro, o padre Martelo finalmente pôde refletir com calma sobre aqueles acontecimentos agitados.

Quando saiu dos escombros da igreja, ainda sentia-se com o coração na boca, afinal, sua adrenalina estava “a mil”.

A seguir, também teve de prestar, ajuda às pessoas que direta ou indiretamente, haviam sido atingidas por aquele acontecimento.

Finalmente, foi discutir o ocorrido, e dar explicações, aos fieis da paróquia do templo atacado, ainda, aos padres, arcebispos, cardeais e, claro, Dom José, seu superior direto a quem enviou relatório detalhado por e-mail.

Só aí, se deu o conforto de um banho, que lhe aliviasse de todo o pó, que acumulara sobre seu corpo e as roupas.

Vendo a água escorrer, começou a lembrar aqueles que, quase foram os seus últimos momentos.

Tentava descobrir, o que o salvara, da fúria assassina, do motorista, daquele táxi endiabrado.

A água do banho então fez com que viessem à tona, velhos ensinamentos quase esquecidos pelo transcorrer do tempo.

Talvez eles pudessem ajudar...

Não demorou nada para que, a novíssima versão futurista do táxi

assassino, que pelas suas linhas aerodinâmicas, poderia ser considerado dono de uma beleza incomum, saísse aprontando das suas por aí.

No seu caminho, encontrou com adoradores de uma nova seita, que o reverenciava como a um Deus.

Todos ali vestiam camisetas amarelas com os dizeres: CHEGOU O JULGAMENTO FINAL.

Não perdeu tempo com seus seguidores, e, dispensou a eles, o mesmo tratamento dado às suas outras vítimas: tirou-lhes a vida de modo violento, abominável e cruel.

Logo, helicópteros tripulados, e, não tripulados, da polícia, pesadamente armados, infestaram o espaço aéreo, entre os prédios daquela região.

Diante disso, a novíssima versão do táxi assassino do inferno, saiu dali a toda velocidade, provocando uma perseguição por vias aéreas e terrestres.

Agora, haviam centenas de aparelhos voadores envolvidos, principalmente, os robotizados e operados por controle remoto.

A maioria da frota perseguidora, era composta de drones e máquinas de pequeno porte.

Uma chuva de balas guiadas por mira à lazer se abateu sobre o veículo que seguia alucinadamente pelas ruas e avenidas.

Nada parecia capaz de parar aquela fuga.

Os projéteis disparados, independente do calibre da arma, eram ineficazes.

E ainda haviam as surpresas...

Uma delas, se deu quando, o taxi fugitivo, começou a soltar uma densa fumaça negra, que se espalhou rapidamente.

As máquinas voadoras perderam a orientação visual através daquela fumaça, algumas delas até, ficando perdidas, e, se chocando umas com as outras.

Daí, decorreu então, uma reação em cadeia que causou graves acidentes aéreos, envolvendo quase todos os perseguidores, incluindo até os helicópteros da polícia.

No chão, o mesmo ocorreu com viaturas e motocicletas.

A fumaceira densa deixou todos os motoristas cegos, o que, logo ocasionou, um congestionamento monstruoso, com “engavetamentos” enormes, que se seguiram em diversos trechos das vias de circulação.

Para piorar a situação, de quem estava em terra, as máquinas voadoras, que se chocaram no ar, começaram a cair sobre as cabeças dos que estavam embaixo.

E como desgraça pouca é bobagem, quem não morreu no acidente acabou envenenado pela fumaça negra que, também, era extremamente tóxica.

Graças a ela, só naquele dia, mais de cinco mil pessoas morreram.

E, para variar, depois de aprontar mais aquela bagunça, o taxi assassino, sumiu do alcance, dos olhos e câmeras, que faziam o monitoramento de segurança e vigilância, pela cidade de New York.

Num planeta longínquo, onde seus habitantes, de formas semelhantes à humanóide, (só que extremamente mais feios), se divertiam, caçando e matando espécies perigosas por todo o universo, três fêmeas estavam bastante indignadas.

A conversa a seguir, está traduzida numa forma compreensível ao leitor, em razão das diferenças do idioma, utilizado por tão distintas senhoras, com os daqui falados na Terra.

O conteúdo do papo, entretanto, se assemelha bastante com o que algumas mulheres casadas terráqueas têm, quando se encontram...

-Nossos maridos é que levam a vida no mole.

“Com a desculpa de terem que enfrentar criaturas perigosas, para obter glória e reconhecimento, eles ficam fazendo viagens, para tudo quanto é lugar, e nos deixam trancadas em casa trabalhando.”

-Já estou cansada, de cuidar da fera de estimação, que ele resolveu criar.

“Aquele bicho desgraçado emporcalha a casa toda.”

-O vagabundo do meu nem presente trás.

“Só aparece com cabeças cortadas e embalsamadas, para eu arrumar, nas nas estantes e armários.”

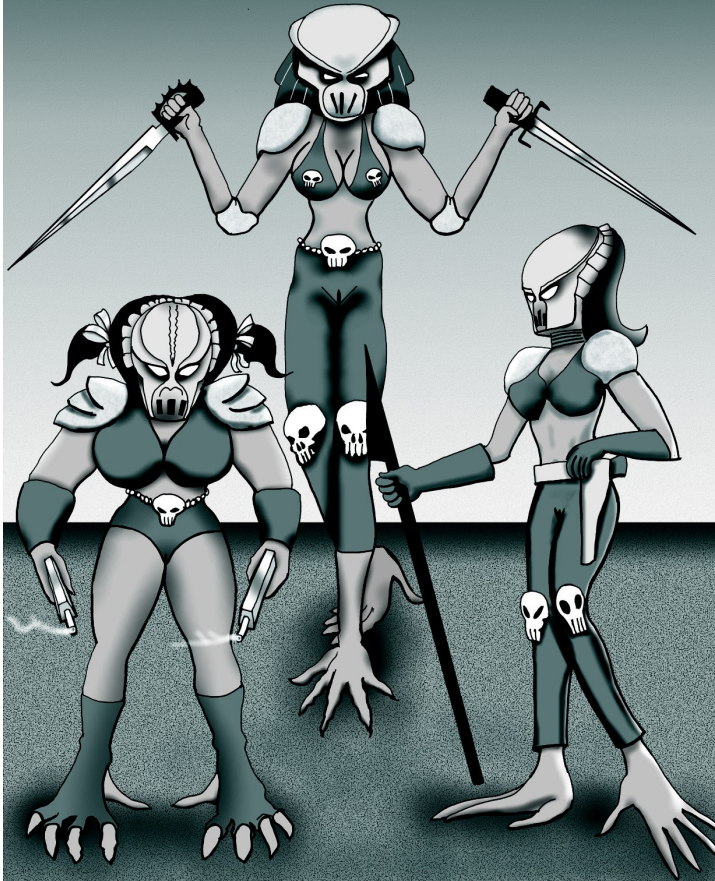
-Estou cheia dessa situação, e, de ser escrava.

-Eu também! Quero algo melhor do que essa vidinha de casada.

-Chega de ficar em casa trocando fraldas e cuidando de crianças levadas.

-Tem razão! Podemos fazer tudo o que esses vagabundos fazem, e

ainda melhor que eles.



-Eu como duas vezes mais que o meu marido. Isso, sem estar grávida, porquê, na gestação, eu comia cinco vezes mais!

“E ainda, obrigava aquele infeliz a deixar a geladeira cheia para as boquinhas noturnas.”

“E ai dele se faltassem os gorós...”

-Isso é moleza! Uma coisa que eu posso fazer melhor que aqueles preguiçosos é matar e torturar com violência e crueldade.

-Moleza é essa brincadeirinha, a que você está se referindo.

“Quero ver, coragem para limpar, os banheiros lá de casa...”

-Tenho um plano, garotas. Nós conseguiremos a glória suprema e o sucesso que nossos maridos não tiveram.

-Como?

-Lembram-se daquele tal planeta Terra onde só vivem criaturas cruéis e violentas?

-Aquele em que nossos maridos sempre voltam reclamando, quando tiram férias por lá?

-Exato!

-“As criaturas violentas da Terra sempre matam alguns dos nossos. Elas são mesmo espertas.”

-Tem razão!

-Pois bem! Estive vendo no Noticiário TransGaláctico.

-“Lá estava informando que: numa cidade terráquea chamada New York, uma ameaça violenta e cruel está apavorando o povo por lá...”

-Seria um dos nossos?

-Nesse caso não! Trata-se de um peso-pesado local que mata de qualquer jeito. Tem métodos bem diferentes do nosso e trabalha dia ou noite.

-O que isso tem a ver com a gente?

-O povo lá tá desesperado. Até está oferecendo uma fortuna fora do comum, para quem der cabo, dessa criatura sinistra.

-Vamos virar heroínas lá na Terra também.

-“Ouvi dizer, que nessa cidade de New York, gente de qualquer lugar pode fazer sucesso e faturar alto.”

-É.,,

-“Mas, se os espertinhos da Terra, que até já mataram alguns dos nossos, estão tendo problemas com essa coisa.”

-“Como é que nós, vamos resolver o caso?”

-Também quer por a mão na recompensa, hem?

-Claro!

-A ameaça que temos de eliminar é o motorista assassino de um taxi.

-“Só isso.”

-“E eu já tenho um plano infalível para enfrentá-lo com sucesso.”

-Então vou comprar as passagens e partimos para a Terra.

-Isso mesmo!

-“Agora eles vão conhecer a força das PREGADORAS! Aquelas que vão colocar os pregos definitivos na tumba deste taxi assassino!”

Logo então, as três chegaram à Terra.

O taxi assassino, continuava aprontando, cada hora, num lugar diferente, e sempre, matando bastante gente.

Os rastreadores que as Pregadoras traziam, não tiveram dificuldades em localizar, o veículo amaldiçoado no meio daquele labirinto de prédios.

E elas, não perderam tempo!

Imediatamente, puseram em ação o plano infalível para destruir támanha ameaça social.

Usando dispositivos de camuflagem, que as deixavam invisíveis, elas se aproximaram sorrateiramente e atacaram.

Do alto, já que, uma das Pregadoras, além de camuflada, se aproximou voando, foi arremessada, contra o para-brisa da cabine de pilotagem do veículo, uma lança negra, que, tão logo foi espetada ao taxi, imediatamente, começou a soltar raios.

Do cabo dela, saiu uma rede de cabos metálicos que se expandiu por cima do carro encobrindo-o totalmente.

Como que se estivessem vivos, os cabos da rede cravaram suas pontas no chão, prendendo e imobilizando a infernal arma assassina, como um animal caçado.

Em seguida, descamufaram-se ao lado do taxi, as esposas alienígenas, que já estavam prestes a colocar nos seus bolsos, o dinheirinho da recompensa.

Usando armas parecidas com espadas de luz, elas começaram a destrinchar o veículo, separando suas partes, assim como um se faz com um animal no açougue.

-A cabine! - Disse uma delas no seu estranho linguajar. - Mate o motorista.

A outra quebrou mais ainda o parabrisas preto da cabine revelando motorista cinzento e seu rosto medonho que ocupava todo o espaço interno do taxi.

Uma gigantesca fera, duas vezes maior que um rinoceronte, mas, muito semelhante a um tigre de listas brancas e negras se descamufiou e começou a ajudar as 3 esposas no seu medonho trabalho.

Outra lança negra foi espetada bem no olho do gigantesco e

disforme rosto medonho que pilotava até então, a máquina assassina.

Mesmo assim, aquela cara aterrorizante em nenhum momento parou de sorrir.

Ela então abriu sua imensa e baforenta boca, de onde saiu uma língua gigantesca coberta por um borbulhante e fétido líquido amarelo, que, enrolou-se e arrancou de si as lanças espetadas.

Em seguida, outra língua idêntica à primeira também saiu agarrando a cintura de uma das Pregadoras alienígenas, erguendo-a no ar.

Mesmo suas companheiras, ou ainda, a fera, que as ajudava, logo imediatamente a seguir, não tiveram destino diferente.

Outras línguas saíram da boca gigante, enrolando, imobilizando as pregadoras e até mesmo, a fera pavorosa.

A boca se abriu mais ainda, suprimindo o resto do rosto esquisito, ocupando então, toda a área de pilotagem do taxi assassino.

Em questão de segundos, as criaturas alienígenas foram esmigalhadas pelo aperto das línguas.

Imobilizadas, as Pregadoras ficaram impossibilitadas de se defender.

As armaduras delas, se despedaçaram, suas máscaras caíram e revelaram a terrível feiúra de suas caras.

Foram então levadas para o interior da boca que, as mastigou com prazer...

Quanto ao taxi...

Mesmo despedaçado, ele ainda se mexia...

Suas partes também...

Elas então se juntaram num único conjunto e, após um flash de luz intenso, o veículo infernal apareceu inteirinho como se nada tivesse lhe acontecido.

E mais uma vez seguiu seu caminho sem ser detido.

Na Casa Branca (Washington D.C.), o General CanaBraba era chamado para uma reunião com a Presidente dos Estados Unidos, com o Governador do Estado e ainda, com o Prefeito de New York.

-Essa situação não pode mais persistir, General. A população de

New York está aterrorizada, e, até agora, tudo o que foi tentado, não surtiu efeito.

“O sr. tem alguma idéia para ajudar?”

-Só a nossa divisão de armas inteligentes poderá resolver essa situação, sr. Presidente.

“Qualquer outra possibilidade certamente vai por em risco a população, já que, a área de combate é densamente povoada e as outras opções, no nosso arsenal, altamente destrutivas.”

-Pois então ponha essa divisão para trabalhar general. Eu quero esse maldito taxi assassino do inferno, destruído agora.

-Sim senhor.

“Considere feito.”

Assim que o General CanaBraba recebeu a nova e mais importante incumbência da sua vida, ordenou que todo o espaço aéreo de New York ficasse totalmente limpo e desimpedido.

Mesmo os mini-helicópteros, muito usados pela imprensa, e por toda a vigilância tiveram que pousar.

Sem aquelas máquinas voadoras zunindo acima das cabeças do povo, a vida na cidade, logo ficou, menos barulhenta e estressante.

Essa aparente paz, entretanto, não durou muito.

Milhares de mini foguetes, com dimensões similares às das simples canetas esferográficas, foram lançadas sobre a cidade, a partir de aviões não tripulados.

Eram pequenas bombas teleguiadas, programadas para se aproximar, e explodir, na presença do alvo.

Já lá de cima, elas localizaram o taxi assassino e avançaram velozes para cima dele.

Atingiram-no sem dó nem piedade durante vários minutos, mesmo enquanto diversas explosões já se sucediam sobre ele.

Quando a fumaça abaixou, o veículo maldito ainda permaneceu intacto e brilhando como novo.

Mesmo a potência concentrada e explosiva daquele mini arsenal não deu fim a ele.

A seguir, uma coluna de luz, da largura de um ônibus, então brilhou

do alto dos céus, atingindo em terra, o veículo assassino.

Aquela, era outra arma, à disposição do general CanaBraba, mais especificamente, um canhão-satélite mortífero, orbitando o planeta, e, capaz de acertar com precisão, qualquer alvo na superfície deste.

Enquanto atingia o taxi, o raio mortal iluminou intensamente tudo ao redor.

Uma cortina de chamas, e, fumaça, se erguia do local onde estava o automóvel maldito.

O raio vindo dos céus, se manteve operacional, por cinco ou dez minutos, e então, parou de funcionar.

As baterias do canhão-satélite precisariam de uma pausa para recarregar.

As chamas causadas pelo raio, então se apagaram, e, o que se pôde ver por fim, era o taxi intacto e operacional.

Ainda que mal sucedido, o ataque contra o veículo não teve descanso.

Novas armas entraram em ação.

De todos os lados, milhares de robôs fortemente armados, chegaram para reforçar o ataque, e despejaram sobre o taxi, uma chuva de fogo capaz de pulverizar qualquer coisa sobre a face da Terra.

Ainda que não se movesse, devido à violência do ataque que sofria, o veículo assassino não parecia totalmente indefeso.

Na parte superior daquele taxi, de design super-moderno, se formou uma espécie de antena parabólica embutida.

Dalí, surgiu um brilho intenso e ofuscante, capaz de transformar em dia, a noite mais escura e tenebrosa.

As consequências deste clarão, foram bem além, de meramente deixar cegos, alguns infelizes, que eventualmente olhassem diretamente para tal fenômeno.

Ele gerou um pulso eletromagnético, que incapacitou todos os computadores: dos robôs, veículos e demais aparelhos eletro-eletrônicos num raio de 500 quilômetros.

Até mesmo, o próprio canhão-satélite, acabou sendo afetado, pelo fenômeno.

Imediatamente, as armas inteligentes, em que, tantas expectativas de vitória, contra o taxi assassino, eram depositadas, acabaram por ficar burras!

E pior! Descontroladas!

Loucas de dar nó, saíram por aí atirando à torta e à direita, matando o que quer que encontrassem pela frente.

Em consequência de mais essa desgraça, o abate do veículo maldito deixou de ser prioridade.

Assim, mesmo depois de tudo o que sofrera, mais uma vez, o taxi assassino saiu triunfante, sem grandes prejuízos ou arranhões de um pesado ataque onde se obteve a comprovação de que, neste mundo, talvez não houvesse força capaz de dar fim àquela diabólica máquina de matar.

-Senhor! Perdemos contato com as armas!

-Todos os computadores estão fora do ar!

-Sistema de emergência!

-Inoperantes!

-Sistemas mecânico-manuais.

-Sistemas mecânico-manuais em ação e operacionais.

-O que está acontecendo? - Indagou o General CanaBraba.

-Um pulso eletromagnético nos derrubou, sr. Tirou fora do ar, tudo num raio de 500 quilômetros do alvo.

-Nosso material está fora de controle, sr.

O material em referência era todo o arsenal enviado para deter o taxi assassino.

-Maldição!- Praguejou o General.

-Impossível recobrar o controle da situação no momento, General.

-New York se transformará num inferno, senhor. Muitas de nossas máquinas vão atirar até suas munições acabarem.

-E aquelas que não dependem de munição?

-Teremos de esperar suas baterias se esgotarem.

-E qual o período de duração delas?

-Algumas podem durar até cinquenta anos.

-Meu Deus!

-O que vamos fazer, General?

O general CanaBraba ajustou o quepe sobre a cabeça, deu profundas tragadas no seu cachimbo feito com espiga de milho e disse:

-O que não esperava ter de fazer na vida tão cedo novamente....

“Mas... Como tudo aqui em New York piorou de uma maneira sem precedentes, teremos de deixar a nossa melhor tecnologia robotizada de lado, arriscando a vida de soldados humanos, para limpar essa sujeira, e diminuir a loucura reinante.”

Os dias se passaram e, em determinados trechos, New York se transformou numa cidade de aparência pós-apocalíptica, com ruínas de prédios, escombros e destroços espalhados por várias ruas.

Como o próprio General CanaBraba já havia descrito, a cidade realmente estava uma loucura.

A aparência era de imundície, e escuridão total.

As águas dos rios, estavam poluídas, com o lançamento da venenosa mancha negra feito pelo taxi.

Abastecimento de energia elétrica e água, seguia a mesma trilha de caos.

Nalgumas localidades, não chegavam nada, o que fazia com que a maioria das pessoas passasse apertado.



Grande parte desse estrago foi feito pelas próprias “armas inteligentes” que num acesso de burrice, acabaram destruindo tudo o que não podiam.

Entretanto, conforme previsto, o volume de violência e destruição, causado por este equipamento diminuiu, na medida que, a munição e as baterias se esgotavam.

Noutros casos, os próprios técnicos e militares das forças armadas conseguiriam desligar equipamentos danificados.

Este problema, acabou sendo resolvido juntamente com outros, também emergenciais, que, aos poucos iam colaborando para por em ordem, a vida na cidade.

Mas, a pior fonte de desgraças ainda continuava a aterrorizar a cidade.

Era o taxi assassino que, a cada hora, não parava de mandar, das mais diversas formas possíveis, novas almas para alimentar os fogareiros infernais.

O período imposto ao Conde Von Lion para trabalho nas ambulâncias a fim de cumprir pena que lhe foi imposta havia acabado.

Porém, sensibilizado pela situação que a cidade passava naquele período, ele continuou com a prestação de serviço, e fez mais; chamou Pirulino, seu colega de viagens e baladas, para ajudar a comunidade.

Os dois, passaram então a atender todo tipo de situação pela cidade.

Seus esforços eram insuficientes na maioria das vezes, já que, todo o sistema estava caótico, mas, vez por outra, eram recompensados com vidas que conseguiam salvar ou mesmo, com uma simples dor que aliviavam.

De qualquer forma, não se sentiam desestimulados, e, seguiam fazendo o papel de verdadeiros heróis.

Mas eles não eram os únicos por ali.

Dadas as condições de segurança, pela qual a cidade passava agora, a recomendação era que todas as saídas de socorro fossem comboiadas por uma equipe de escolta composta por no mínimo duas pessoas.

Em algumas missões, ia mais gente, noutras, menos.

Naquela noite, o quartel general de onde saíam as missões daquela turma de salvamento, recebeu mais uma rotineira chamada de

emergência.

O Empire States Building fora atacado por uma saraivada de tiros dada pelo taxi assassino e, além de arder em chamas, estava com mortos e feridos não só no seu interior, mas também, nas ruas que o rodeavam, já que, por ali, caíam diversos estilhaços do prédio.

Um comboio de veículos recuperados depois do pulso eletromagnético foi organizado para ir à localidade.

Conde Von Lion e Pirulino iriam numa ambulância blindada que também transportaria uma médica.

Assim que os dois chegaram ao seu veículo, tiveram rara e agradável surpresa:

-Mas essa moça eu conheço. - Disse o Conde Von Lion.

-Eu também.

-Olá rapazes. Lembram-se de mim? Sou Maria Clara, que veio no mesmo vôo que vocês do Brasil

-Caramba! Mas que coincidência o nosso encontro!

-Dá para acreditar? Depois de tudo que aconteceu na cidade?

-Quem diria... - Disse Pirulino. - Como as coisas mudam.

"A poucos dias, eu só pensava em conhecer a mulherada e as boates daqui, agora, olha onde eu vim parar..."

-Eu também não esperava passar por tantas reviravoltas...

-É verdade! - Disse o Conde. - Mas agora é nossa obrigação juntar forças com o povo de New York, e ajudar no reparo dessa bagunça.

-Vai ser duro mas conseguiremos. - Disse Maria Clara.

Outra coincidência interessante, era que o super-herói mascarado que a poucos dias fora salvo pelo Conde numa de suas missões, agora fazia parte da equipe de escolta.

la numa motocicleta carregando diversos tipos de armamento.

Também fazia parte do comboio, um antigo caminhão de bombeiros, que seria usado no local, para tentar debelar os incêndios em andamento.

Todo mundo que estava disponível para aquela saída foi para a prontidão aguardar a ordem de partida que não tardaria.



Não passou muito tempo e soou uma antiga campainha colocando o comboio em andamento, pelo que sobrara das ruas de New York.

Dada a ordem para a saída, a comunicação agora era toda feita via antigos sistemas de rádio, tanto com a base, bem como entre os próprios integrantes da operação.

Celulares e outros meios mais avançados que pudessem ter sido afetados pelo pulso eletromagnético decididamente não funcionavam.

Usando aqueles rádios, não era possível criptografar ou proteger as mensagens enviada pois, qualquer um com razoáveis recursos tecnológicos, poderia acabar tomando conhecimento do conteúdo delas.

Muita gente até desconfiava, que o próprio taxi assassino estivesse utilizando de informações passadas por aí, para realizar seus ataques já que, recentemente, quatro deles foram dirigidos contra equipes médicas que se encaminhavam para atendimentos de emergência.

Referente a este mesmo caso, outra coincidência curiosa a se destacar, era que, todas essas ocorrências se deram numa mesma avenida de grande extensão.

Avenida essa, que, por azar, iria percorrer o comboio onde iam Conde Von Lion, Pirulino, Maria Clara, dentre outros...

Os veículos, seguiam em relativa velocidade, para não serem parados.

Tal ritmo, porém, não impediu que um ataque contra eles fosse tentado.

E, casualmente ou não, mas, conforme já prenunciavam, com razão, as aves de mau agouro, a investida acabou se realizando.

E o atacante, novamente na sua avenida preferida de abate, era o taxi assassino.

Sem a menor cerimônia ou aviso, ele avançou por trás do caminhão de bombeiros que fazia parte do comboio e atingiu-o com grande violência.

Como um brinquedinho de criança, este capotou matando a todos os valentes combatentes do fogo que iam nele.

-Caramba! Você viu isso?!? - Perguntou Pirulino aos gritos.

-Claro que vi! Saco! - Respondeu emendando uma reclamação, o irritado Conde Von Lion, com aquela indesejada presença do taxi. - Esse desgraçado só aparece para atrapalhar!

-Com tanta gente querendo enfrentá-lo para garantir uma bolada gorda, era justamente atrás da gente que essa coisa tinha de vir. - Reclamou Pirulino.

-Acelera, motorista! - Gritou Maria Clara para o Conde Von Lion.

-Nem precisa pedir. - Ele respondeu.

Acelerou tudo o que podia para escapar daquela perseguição implacável.

Mais atrás, os motociclistas esvaziavam suas armas de fogo contra o taxi, porém, tiveram de constatar do pior jeito, que, a munição que usavam, era ineficiente, contra aquela ameaça.

O Conde Von Lion, nem precisou olhar pelo retrovisor, para descobrir o infeliz destino, que teve um dos motoqueiros.

Bastou ouvir o som de freada da moto, do choque, e dos gritos de dor.

Mesmo o super-herói que estava na outra moto não pôde deixar de

soltar uma expressão de espanto:

-Caramba! Ele não teve a menor chance.

Tentou ele fugir de destino idêntico se valendo de manobras radicais e da velocidade de sua moto.

Tudo o que conseguiu foi levar um tombo, já que, sem querer, não percebeu um grande buraco no seu caminho, e sofreu grave acidente que tirou-lhe a vida.

Essa confusão com as motos, permitiu ao Conde Von Lion, abrir grande distância, com relação ao perseguidor, que logo partiria no seu encalço.

Entrou numa rua estreita e curta, que, desembocava em outra grande e larga avenida, por onde poderia tentar escapar.

Reduziu a velocidade, fez um desvio, e, seguiu por um beco escuro, que ali também havia, atrás de uma árvore.

Então, apagou as luzes da ambulância.

Todos ficaram quietos ouvindo o som do motor do taxi assassino aumentando, o que, indicava a sua aproximação.

O veículo maldito entrou com grande velocidade, pela rua de ligação, e seguiu direto para a outra avenida, por onde deduziu que o Conde Von Lion teria conduzido a ambulância.

Além de não ter percebido, graças à completa escuridão da pequena rua, e ainda, nas outras vias das proximidades, que fora despistado, pelo artilheiro do hábil piloto, o motorista do taxi assassino do inferno, também não se deu conta da presença de um obstáculo no caminho por onde iria seguir.

E, se ia seguir, é porque não seguiu.

Sem que ninguém, dentro da ambulância, pudesse explicar o porquê, devido ao seu ângulo de visão, que os impedia de enxergar diretamente, a totalidade dos acontecimentos, o veículo amaldiçoado explodiu no impacto com o obstáculo.

Agora, ao contrário das outras vezes em que, após choques incríveis como este, o taxi assassino destruíra tudo pelo seu caminho, ou, ainda, se remontava de modo fantástico, as coisas foram diferentes.

O veículo demoníaco, se espatifou totalmente, transformando-se numa massa brilhante amarelada que se espalhou pela rua.

Um som muito alto ainda saía de toda aquela gosma que se mexia lenta e trêmula, como se estivesse agonizando depois de ter passado por

grande sofrimento.

O fogo tomou boa parte da rua, mas, logo foi rapidamente dominado por uma equipe de soldados, que chegou ao local, debelou-o, limpou toda aquela coisa do chão, guardou-a em diversas caixas grandes, e, em seguida, partiu levando tudo, para local ignorado.

Muitas vezes, no banho as coisas clareiam.

E não só, pela limpeza que este proporciona.

É que, às vezes ele também traz boas idéias e soluções para problemas.

E foi lá que uma saída lhe ocorreu.

Mas só depois, de lembrar os fatos ocorridos no altar, mais especificamente, no momento que o taxi se afastou manifestando algo que poderia ser definido como sentimento de dor intensa.

O que teria causado isso?

Essa pergunta só teria a resposta encontrada, durante um banho.

Relembrou que, na mesa do altar, além do cálice, da garrafa e, do livro sagrado, também havia uma pia batismal cheia de água benta.

Fora a água benta que, ao ser derramada na “lataria” do taxi assassino causou-lhe tão pavorosa reação.

Aí então, o padre Martelo se lembrou que, ela já era usada a bastante tempo para derrotar diversos tipos de monstruosidades, e criaturas infernais.

Ao que parecia, naquele caso, a água benta poderia ser usada para resolver o problema.

Como não pudera lembrar-se disso antes?

Qualquer novato que consultasse a internet teria chegado à resposta muito antes...

Mas como usar aquela preciosa informação e transformá-la numa arma?

Para enfrentar tamanha monstruosidade, não seria com pouca quantidade do líquido sagrado que solucionaria aquela situação.

Durante uma de suas orações, teve um vislumbre, que o sugeriu passear com algum dinheiro no bolso.

Obedeceu a inspiração providencial, e foi dar algumas voltas pela

cidade.

No caminho, não muito longe de onde estava, encontrou um homem, querendo vender um caminhão-tanque, usado e em bom estado.

Padre Martelo, com o dinheiro no bolso e, sentindo aquela típica coceira que os turistas têm em New York, quando querem comprar alguma novidade, não pôde resistir e fez negócio.

Saiu pilotando o caminhão todo feliz e, posteriormente, ainda teve até a sorte, de alguns colegas religiosos, terem-lhe cedido um galpão para estacionar o brinquedinho novo.

Ocorreu-lhe até, de encher aquele tanque com água, abençoá-la e, de algum modo usá-la contra o taxi assassino.

Com a criatividade correndo solta, imaginou um canhão de água instalado em cima do caminhão, de alguma forma ligado ao tanque, que pudesse fazer disparos certos naquele veículo do mal.

O problema era que, naquele momento a água era um artigo raro de consumo.

Além da falta de distribuição normal, até a dos rios próximos à cidade, foram envenenados pelo fluído que o taxi assassino soltou, quando estava realizando suas operações náuticas de matança indiscriminada.

Portanto, se quisesse pôr aquele plano em ação, teria de arrumar água, de algum jeito...

Com tantos problemas para resolver se sucedendo em tão pouco tempo, resolveu rezar novamente para encontrar respostas inspiradoras e alívio mental.

Sem que percebesse, o tempo passou e ele acabou entrando no costumeiro transe que lhe causava até mesmo, intenso desgaste físico.

Ficou nesse estado durante muitas horas.

Depois que voltou ao normal, resolveu dar nova verificada no caminhão, para pensar num uso para ele.

Quando olhou para o teto do galpão, constatou que o telhado bem acima do veículo estava quebrado, o que, naqueles dias, não era algo incomum de acontecer, estando a cidade num estado tão deplorável.

Aproximou-se para verificar o estrago, e, verificou que ali, havia um buraco com duas ripas de madeira, uma sobre a outra, formando o sinal da cruz.

Exatamente por este buraco caía uma chuvinha fraca e insistente

sobre o caminhão, mais especificamente, sobre o tanque que, casualmente, estava com uma de suas tampas aberta, e, justamente, a que permitia que ele fosse se enchendo com a água vinda dos céus.

O padre Martelo subiu sobre ele e constatou que já estava quase que totalmente cheio e transbordando da mais pura água cristalina da chuva.

Tirou a roupa e, em seguida mergulhou dentro do tanque, no fundo deste, para verificar se a água estava totalmente limpa e boa para o uso que pretendia fazer dela.

Antes de sair, imerso e, com a respiração presa, fez ali suas orações durante bastante tempo.

Quando voltou para fora do tanque, se vestiu, continuou suas orações e em seguida, abençoou toda aquela água.

Fechou o tanque do caminhão, e, imaginou em como, mais uma vez, a água benta seria usada para enfrentar monstruosidades demoníacas.

Só esperava que dessa vez também, ela conduzisse o mal para o caminho da derrota, assim como já fizera em outras ocasiões.

Armado, agora o padre precisava de uma oportunidade, que lhe permitisse confrontar, aquele ser demoníaco.

E ela veio muito antes do que esperava.

Entrou na cabine do caminhão para verificar sabe-se o que lá dentro, e, encontrou sobre o banco um antigo rádio.

Observou o aparelho e achou o botão que o acionava.

Ligou-o e, de cara, ouviu uma transmissão que chamou a atenção e poderia ser útil para o possível sucesso do seu plano.

Ela vinha de um comboio formado por equipe de socorro que seguia para o Empire States Building.

Noutra incrível casualidade, o Padre Martelo percebeu que, grande parte da rota que seguiria o comboio, passaria por ruas próximas aonde ele estava.

Quanto mais o padre Martelo ouvia aquela transmissão dos componentes do referido comboio, mais fortes vinham os avisos do seu sexto sentido cujo histórico de acertos era de 100%.

Ali tinha alguma coisa errada prestes a ocorrer.

Instintivamente, acionou o motor do caminhão que funcionou instantaneamente.

Em seguida, acelerou, e avançou ganhando as ruas escuras.

Foi então que o coração do padre disparou, pela transmissão que ouvia, o maldito taxi assassino do inferno, apareceu, e iniciou um ataque contra o comboio.

Um pânico se abateu sobre ele.

Ficou indeciso e temeroso quanto a o que fazer.

O medo lhe abateu, não por temer o confronto com a criatura maligna, mas sim, por não conseguir alcançá-la para poder lhe dar combate.

Se isso ocorresse, certamente mais vidas seriam perdidas.

O pior é que, por não conhecer direito as ruas , também não estava certo quanto ao caminho que deveria seguir.

Assim mesmo, manteve-se firme, dirigindo o veículo pesado, escuridão adentro.

Em alguns trechos, não conseguia enxergar com perfeição, mais que alguns metros do caminho, diante de si.

E quando nada mais parecia poder piorar, foi que, de um momento para outro, o veículo sofreu algum tipo de pane e apagou completamente.

A parte elétrica penas gemia um pouco quando a chave era virada, e logo em seguida apagava.

Daquele jeito, não dava para seguir em frente ou, voltar para trás.

O padre Martelo desceu do caminhão, para tentar consertá-lo, e sair dali.

Não precisou mexer muito para perceber que o problema não era mecânico e sim de descuido: não havia combustível.

Mesmo assim precisaria de alguma ajuda para seguir caminho.

Trancou a cabine e se distanciou alguns metros do veículo sentindo uma dor no coração.

Não era materialista, mas, se afeiçoara ao caminhão, até porquê, seu tanque estava completamente cheio de água benta que ele mesmo abençoara.

Tinha medo de que, ali naquela escuridão, o veículo fosse rapidamente depenado por uma turba de vândalos.

Afastou-se mais alguns metros, e ouviu o conhecido barulho, do motor do taxi assassino do inferno, aumentando de volume, o que, indicava sua aproximação iminente.

Assim que se virou para trás, a fim de verificar a origem do som,

tomou susto!

Algo atingiu o caminhão à toda velocidade.

Num primeiro momento, sentiu tristeza, já que, depois de um impacto tão violento, não sobrara peça sobre peça, dele. Já ouvia até, os sermões que teria de agüentar por causa de tamanho prejuízo...

Também se preocupou, com o estado de saúde da pessoa que eventualmente tivesse causado aquela colisão.

Mas então, percebeu que aquele não fora um acidente comum.

O veículo que acertara o caminhão, era o temível taxi assassino do inferno.

A água benta do tanque arreventado, havia se espalhado por cima do automóvel amaldiçoado, desmanchando-o completamente como se fosse um poderoso ácido.

Pedaços de massa amarelada brilhante, se moviam pelo chão tentando se juntar numa só forma, mas, estes se moviam lentamente, atrapalhadamente e aparentando sentir dor intensa.

Por mero acaso do destino, o mal elaborado plano do padre Martelo, deu certo!

Emocionado com o sucesso da sua empreitada, ele caiu de joelhos e, em prece agradeceu a Deus por tudo. Rezava tão intensamente que não percebeu os soldados que ali chegaram, alguns instantes depois.

Rápida e silenciosamente, recolheram todos os destroços do taxi assassino, presentes no local, partindo logo em seguida sem mesmo interromper o religioso nas suas orações.

Em agradecimento ao sucesso do seu plano, o padre Martelo prometia fervorosamente que usaria a grana da recompensa pela morte do taxi assassino para erguer novas igrejas e atender os carentes.

Quando terminou suas orações, só então, percebeu que não poderia cumprir com Deus, as promessas que Lhe fizera.

Não haviam no local, mais evidências, que provassem o sucesso da missão do padre Martelo, contra a maior ameaça que já vitimara New York em todos os tempos.

Nem mesmo, pleitear o reconhecimento pela morte daquela monstruosidade conseguiria mais. Mesmo assim, ele sorriu e se conformou:

-Se estes são os desígnios de Deus...

Newark Airport - USA

Vôo 939 com destino a São Paulo – Brasil

Já no interior do avião, Maria Clara rezou, mas, não adiantou nada.

Sua poltrona, na viagem de volta para São Paulo, era tão desconfortável, quanto aquela em que viera.

Logo, chegaram os outros passageiros, que compartilhariam aquela apertada fileira de poltronas, e, o mais incrível de tudo, era que, se tratavam das mesmas pessoas, que fizeram com ela, a viagem de vinda, para New York

Por mais improvável que pudesse parecer, até os números das poltronas, eram os mesmos, para cada um.

Todos ali se viram, se reconheceram, e, deram rizada.

-Bom ver que depois desse sufoco todo que a cidade passou, algumas caras conhecidas sobreviveram. - Disse o padre.

-Caramba! Você viu? Aquilo foi um pesadelo. - Concordou Maria Clara.

-A cidade tomou um belo prejuízo. - Disse Pirulino.

-Mas agora vai se recuperar. - Intrometeu-se o Conde Von Lion, enquanto ajeitava a sua bagagem nos compartimentos superiores.

-Vai sim. - Concordou Maria Clara. - Todo mundo já está trabalhando bastante neste sentido.

-Eu fico feliz, de ter dado minha colaboração – Disse o Conde Von Lion. - Tá certo que no começo não foi muito voluntária, mas...

-Mas depois você acabou até me tirando das noitadas para trabalhar contigo! - Complementou Pirulino. - Tudo bem! Eu apreciei muito ter dado uma mãozinha para o povo de New York.

-Bom sentir que os ânimos e o moral estão altos. - Disse o padre Martelo. - Esse é o caminho para nos recuperarmos e seguirmos com a vida, mas, também acho que, além da vontade humana, sempre é bom agradecer a Deus porquê, no sucesso ele também está presente, embora, muitas vezes não pareça.

Todo mundo se acomodou do jeito que deu naquele aperto de sempre.

Dessa vez, pareciam não sentir tanto o desconforto como na viagem anterior, talvez, devido aos acontecimentos pelos quais passaram.

Até dormiram profundamente no minúsculo espaço de suas poltronas. Estavam bastante cansados.

A Dra. Maria Clara e até mesmo o padre Martelo roncavam alto naquela fileira. O sono dele porém foi perturbado.

Acordaram-no com uma dolorosa pancada na testa, que, até um corte abriu, e sangue lhe tirou.

Olhou para frente e, com a vista ainda ligeiramente embaçada, viu a mesa diante de si abaixada, com um bilhete onde estava escrito o seu nome.

Percebeu ainda, um vulto saindo do seu lado, e, seguindo pelo corredor, para a parte de trás da aeronave.

Abriu o bilhete, escrito em um papel velho, e amarelo, onde leu:

Padre Martelo:

Você pôs fim a um dos meus brinquedinhos.

Saiba porém, que tenho uma infinita garagem cheia deles.

E, para ganhar a chave de cada uma dessas belezócas, só preciso de homens sedentos por vingança que aceitem negociar sua alma com...

o DIABO.

O padre Martelo leu o bilhete e levantou-se furioso do assento.

No fundo do avião, viu um homem alto negro, com cavanhaque branco indo para o interior do banheiro.

Antes de entrar, ele olhou e sorriu zombeteiramente para o padre.

Este, por sua vez, foi lá para a parte traseira da aeronave e abriu com tudo a porta do banheiro que acabara de ser fechada pelo estranho.

Desacreditou no que viu a seguir.

Não havia nada ou,ninguém no toilete!

Apenas o céu por onde o avião estava passando, como se aquela, fosse uma porta de saída para o exterior.

Tal foi o ímpeto do padre, que ele quase caiu, naquele abismo.

Instintivamente porém, por mais puro reflexo, deu um rápido passo para trás, evitando a queda mortífera, e a porta se fechou.

Enquanto se recuperava do susto, outra pessoa abriu a mesma porta, e entrou num banheiro vazio, comum, sem susto ou visão

estonteante.

Ouviu então, uma gargalhada sinistra, que parecia ecoar por toda a aeronave.

E então acordou.

De novo, inexplicavelmente, ele estava sentado em sua poltrona.

Padre Martelo olhou para o lado e percebeu que a viagem transcorria na mais absoluta normalidade.

Aparentemente, não havia se levantado para ir até a parte de trás da aeronave.

Passou a mão pela testa onde deveria estar o corte da pancada e percebeu que alí nada existia.

Na sua testa, porém, estava grudado o bilhete com a mensagem estranha.

Apesar de aparentemente ter aquele sinistro encontro sido um simples sonho, o bilhete estava alí para lhe dizer algo diferente.

Mas não por muito tempo.

Numa fração de segundo, o papel foi transformado numa chama que se apagou tão rapidamente quanto se acendeu,

Daquele lembrete, nada mais que cinzas, restaram.

Os sistemas de segurança e alarme contra incêndio nem tiveram tempo de registrar aquele breve fogo que foi visto apenas pelo padre Martelo.

De qualquer modo, a mensagem foi passada e compreendida.

